



Mariana Alice Monteiro da Costa Pinto

O CONTRIBUTO DA MITOLOGIA NA COMPREENSÃO TEXTUAL: APLICAÇÕES DIDÁTICAS

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas
no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Professora
Doutora Maria Cristina Almeida Mello e coorientado pela Professora Doutora
Cláudia Raquel Cravo Silva, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas
e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

setembro de 2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O CONTRIBUTO DA MITOLOGIA NA COMPREENSÃO TEXTUAL: APLICAÇÕES DIDÁTICAS

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	O CONTRIBUTO DA MITOLOGIA NA COMPREENSÃO TEXTUAL: APLICAÇÕES DIDÁTICAS
Autor/a	Mariana Alice Monteiro da Costa Pinto
Orientador/a	Professora Doutora Maria Cristina de Almeida Mello
Coorientador/a	Professora Doutora Cláudia Raquel Cravo Silva
Júri	Presidente: Professora Doutora Ana Maria da Silva Machado
	Vogais:
	1. Professora Doutora Susana Maria Duarte da Hora Marques Pereira
	2. Professora Doutora Maria Cristina de Almeida Mello
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Área científica	Formação de Professores
Especialidade/Ramo	Docência bidisciplinar – Português e Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Data da defesa	27 de outubro de 2015
Classificação	17 valores



À bela Helena.

Agradecimentos

Aos meus pais e ao meu irmão, pelo constante apoio e compreensão.

Às orientadoras deste Relatório de Estágio, a Doutora Cristina Mello e a Doutora Cláudia Cravo, pelo acompanhamento e disponibilidade.

Às orientadoras do Estágio Pedagógico Supervisionado, a Professora Teresa Carriço e a Doutora Anabela Fernandes, pela coadjuvação e recetividade.

Às minhas colegas do Estágio Pedagógico Supervisionado, pela amizade e auxílio.

Aos (meus) alunos do 9º F e 10º A, pelo entendimento e incentivo.

Índice

Resumo	4
Abstract	5
Introdução	6
Parte I - Prática pedagógica supervisionada	7
1. A escola	7
1.1. Contexto socioeducativo	7
1.2. Espaço	8
1.3. Objetivos da ação educativa	9
1.4. Turmas	9
1.4.1. Turma de Português	9
1.4.2. Turma de Latim	10
2. Reflexão sobre a prática pedagógica supervisionada	11
Parte II – A Mitologia e a compreensão do texto	18
1. Enquadramento teórico do tema	18
1.1. A leitura e a escrita	18
1.1.1. Aspectos genéricos sobre a leitura	18
1.1.2. A leitura nos documentos oficiais	19
1.1.3. A leitura na sala de aula	20
1.1.4. Aspectos genéricos sobre a escrita	20
1.1.5. A escrita nos documentos oficiais	21
1.1.6. A escrita na sala de aula	22
1.2. O contributo da Mitologia na interpretação textual	23
1.2.1. Mito e Mitologia	23
1.2.2. A receção dos mitos na Literatura Portuguesa	25
1.2.3. Mitologia: representação de valores	28
1.2.4. A importância da Mitologia nas aulas de Português e de Latim	29
	2

1.3. O tema nos documentos de referência	31
1.3.1. Português	31
1.3.1.1. Programa de Português do Ensino Básico	31
1.3.1.2. Metas Curriculares de Português do Ensino Básico	32
1.3.1.3. Manual escolar	33
1.3.2. Latim	33
1.3.2.1. Programa de Latim A de 10º ou 11º Anos	33
1.3.2.2. Manual escolar	34
2. Didatização	35
2.1. Metodologia	35
2.2. Recursos	36
2.2.1. Recursos utilizados na disciplina de Português	36
2.2.2. Recursos utilizados na disciplina de Latim	36
2.3. Operacionalização	38
2.3.1. Operacionalização na turma de Português	38
2.3.2. Operacionalização na turma de Latim	40
2.4. Análise e interpretação dos resultados	42
2.4.1. Análise das Atividades	42
2.4.1.1. Análise das atividades de Português	42
2.4.1.2. Análise das atividades de Latim	54
2.4.2. Análise dos inquéritos finais	64
2.4.2.1. Análise do inquérito final de Português	64
2.4.2.2. Análise do inquérito final de Latim	65
3. Limitações e Propostas de Remediação	66
4. Conclusão	67
Bibliografia	68
Webgrafia	71
Índice de Anexos	75
Anexos	76

Resumo

O presente Relatório de Estágio Supervisionado patenteia um estudo sobre o contributo da Mitologia na interpretação do texto literário em duas turmas - uma de Português (9º ano) e outra de Latim (10º ano).

O panorama social e escolar destas turmas permitiu traçar o perfil de cada uma, e consequentemente seleccionar a metodologia adequada para o desenvolvimento deste projeto.

A leitura e a escrita enquanto instrumentos para a concretização deste trabalho possibilitaram um estudo sobre as suas características e proficiências ao nível do ensino.

De modo a implementar esta investigação, executou-se um conjunto de atividades tendo como ponto de partida a análise de textos literários e consagrando particular atenção à explicação de referências mitológicas e à reflexão acerca do carácter axiológico inerente às personagens da mitologia. Assim, além de pretender dar resposta ao objetivo proposto, proporcionei aos alunos a oportunidade de contactar com as múltiplas potencialidades dos temas clássicos.

Os dados recolhidos permitiram concluir a significativa importância da Mitologia no plano do estudo dos textos propostos, bem como a sua relevância para a formação cultural dos discentes.

Abstract

This internship report presents a study on the contribution of Mythology in the interpretation of literary text into two classes – one of Portuguese (9th grade) and one of Latin (10th grade).

The social and educational overview of these classes allowed me to outline the profile of each one, and consequently select the appropriate methodology for the development of this project.

The reading and writing as tools to implement this work enabled a study of their characteristics and proficiencies to the school level.

In order to implement this research, performed a set of activities taking as its starting point the analysis of literary texts and devoting particular attention to the explanation of mythological references and reflection on the axiological character inherent to the characters of mythology. So in addition to want to respond to the proposed objective, proporcionei students the opportunity to contact with the multiple capabilities of classic themes.

The data collected allowed to conclude the significant importance of mythology in the study plan of the proposed texts, as well as its relevance to the cultural background of students.

Introdução

A Mitologia constitui um universo de enorme relevância na análise e na interpretação de textos, sendo por isso mesmo um domínio de referência na aquisição de profícuos conhecimentos culturais.

O presente relatório insere-se no âmbito da prática pedagógica supervisionada bidisciplinar, e descreve as atividades realizadas por duas turmas do ensino básico e ensino secundário, respetivamente. A intenção destas atividades passa por identificar o modo como a Mitologia funciona enquanto catalisador da análise dos textos e da reflexão sobre os mesmos. Para a concretização desta metodologia, recorre-se aos domínios da leitura e da escrita e às suas tipologias. De forma a atingir o objetivo proposto foi necessário adequar as opções didáticas aos anos de escolaridade, uma turma de Português do 9º ano e uma turma de Latim do 10º ano da área de Humanidades.

A estrutura deste trabalho encontra-se dividida em dois capítulos, a primeiro acerca da exposição do contexto socioeducativo da escola onde decorreu o estágio pedagógico, a ilustração do espaço da mesma, a enumeração dos objetivos da sua ação educativa, a descrição do perfil das turmas observadas, e ainda uma reflexão sobre a prática pedagógica supervisionada. Por seu lado, o segundo capítulo aborda o tema escolhido para este relatório. Deste fazem parte a apresentação das orientações dos documentos oficiais e ainda o enquadramento teórico subjacente ao assunto proposto, ao qual se acrescenta a exposição dos aspetos genéricos sobre os domínios da leitura e da escrita, a orientação proposta pelos Programas de Ensino Básico de Português e de Latim, e a sua aplicação em contexto de sala de aula. Este segundo capítulo inclui também a descrição da didatização utilizada nas turmas observadas, e a apresentação, análise e posterior discussão dos resultados obtidos.

Finalmente, deste relatório constam as conclusões resultantes deste projeto, bem como algumas propostas de remediação.

Parte I – Prática Pedagógica Supervisionada

1. Escola

1.1. Contexto socioeducativo

A Escola Secundária com 3º CEB Dr. Bernardino Machado¹, fundada em 1888, localiza-se na Figueira da Foz, na freguesia de Buarcos e São Julião. Esta detém uma área aproximada de 15,53 km² e conta com 18 454 habitantes. A população é fortemente influenciada pela atividade piscatória, embora um número crescente viva também das atividades turísticas, nomeadamente na indústria de alojamento durante a época estival.

O Agrupamento de Escolas Figueira Mar, criado em 2012/2013, resulta da fusão do Agrupamento de Escolas de Buarcos com a Escola Secundária com 3º CEB Dr. Bernardino Ribeiro. Do mesmo fazem parte os estabelecimentos de ensino Jardim de Infância de Buarcos, Jardim de Infância da Serra da Boa Viagem, Centro Escolar de Vila Verde, Escola do Castelo, Escola do Serrado, Escola Infante D. Pedro (1º, 2º e 3º ciclos) e Escola Secundária com 3ºCEB Dr. Bernardino Machado.

Do seu corpo docente, 81,3% pertence ao Quadro do Agrupamento, sendo que 4,7% encontra-se em regime de destacamento, 8,7 por cento pertence ao Quadro da Zona Pedagógica e 5,3 por cento são contratados. Refira-se, ainda, que do corpo docente fazem parte professores especializados em educação especial para dar resposta aos alunos com necessidades educativas especiais e às Unidades de Ensino Estruturado de Autismo. Face à existência deste recurso humano, a unidade SNIPI (Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância) também conta com três docentes do Agrupamento, apoiando 43 crianças (dos 0 aos 6 anos). O corpo não docente é constituído por 55 assistentes, sendo que 75% pertence ao serviço auxiliar de ação educativa e são assistentes operacionais.

Relativamente ao seu ano de formação, o Agrupamento apresentou um decréscimo no número de alunos, passando de 1253 para 1215 alunos, na sua maioria oriundos de todas as freguesias da Figueira da Foz, com maior incidência na freguesia de Buarcos.

Quanto à oferta educativa do Agrupamento, são contemplados todos os níveis de ensino (do pré-escolar ao secundário), ministrando-se cursos científicos, humanísticos e profissionais.

¹ As informações que fazem parte deste capítulo foram recolhidas no documento “Projeto Educativo para o quadriénio 2013/2017”

No que respeita aos serviços técnico-pedagógicos, destacam-se três bibliotecas, uma das quais na Escola Secundária com 3º CEB Dr. Bernardino Machado, e salas de apoio distribuídas pelas várias escolas do Agrupamento. Funcionam ainda dois gabinetes de psicologia e orientação escolar, um na Escola Infante D. Pedro e outro na Escola Secundária com 3º CEB Dr. Bernardino Machado, e gabinetes direcionados para o projeto de educação para a saúde e educação sexual, dinamizado por professores e técnicas da equipa da saúde escolar.

No sentido de apoiar as famílias com dificuldades socioeconómicas, o Gabinete de Apoio ao Aluno é à Família (GAAF), sediado na Escola Dr. Bernardino Machado articula as suas ações com os diretores de turma e titulares de turma das várias escolas do Agrupamento.

O Agrupamento integra quatro unidades de referência do Ensino Estruturado do Autismo, que asseguram a continuidade do percurso formativo dos alunos desde o ensino pré-escolar ao ensino secundário. As unidades encontram-se distribuídas pelos níveis de ensino da seguinte forma: pré-escolar (Jardim de Infância de Buarcos); 1.º ciclo (escola EB 1 do Serrado); 2.º e 3.º ciclos (Escola Infante D. Pedro); ensino secundário (Escola Secundária com 3º CEB Dr. Bernardino Machado).

Destaca-se ainda a parceria com empresas e instituições das mais diversas áreas, sendo que algumas apoiam os alunos em contexto de trabalho, em particular os alunos com necessidades educativas.

1.2. Espaço físico

A Escola Secundária com 3º CEB Dr. Bernardino Machado é composta por um edifício principal de dois andares, um campo polidesportivo e um pavilhão gimnodesportivo.

No rés-do-chão encontram-se salas de aula, a Secretaria, a Sala de Professores, as casas-de-banho (diferenciadas para alunos e professores), o laboratório de Biologia, e a sala de apoio ao Autismo.

O primeiro andar é composto por salas de aula, pelos laboratórios de Física e Química, e ainda pela Biblioteca e Reprografia. Ainda no primeiro andar, contudo na parte posterior, situa-se a Cantina, e num mesmo espaço, o Bar e a Papelaria.

O segundo andar conta com o laboratório de Química, e ainda concebidos para os cursos profissionais o laboratório de Eletrotécnica, o laboratório de Mecânica e algumas Oficinas.

No espaço exterior existe um campo polidesportivo e um pavilhão gimnodesportivo, ambos direcionados para as aulas de Educação Física.

1.3. Objetivos da ação educativa

Adotando o princípio geral do Agrupamento de Escolas Figueira Mar, a Escola Secundária com 3º CEB Dr. Bernardino Machado tem também por objetivo desenvolver uma prática pedagógica que coloca o aluno no centro das aprendizagens, sendo permanentemente valorizados e incentivados o seu esforço, empenho, capacidade de trabalho e perseverança. Adotando o conceito de escola inclusiva, pretende ainda atender às especificidades pedagógicas dos alunos com necessidades educativas especiais, no sentido da plena integração. Enquanto organização dedicada ao ensino, tem como política envolver os seus colaboradores diretos, docentes e não docentes, procurando constantemente a melhoria no sentido da modernização da Instituição e da motivação do pessoal para o seu envolvimento na mesma.

Em geral, o Agrupamento rege-se pelos princípios da cidadania, da participação ativa, crítica e responsável, tendo em vista a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais; o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância; a fomentação da compreensão mútua, da solidariedade humana e da responsabilidade; o progresso social; e a participação democrática na vida coletiva.

1.4. Turmas

No âmbito do estágio supervisionado, no decorrer do ano letivo 2014/2015, lecionei as disciplinas de Português do 9º F e Latim do 10º A. Alternando a observação das aulas com a prática letiva, foi-me possível traçar um perfil destas turmas, que constituiu a base da escolha das opções metodológicas incluídas no processo de didatização que fui construindo.

1.4.1. Turma de Português

A turma do 9ºF é constituída por quinze alunos, dos quais cinco são do sexo masculino e dez do feminino, numa faixa etária compreendida entre os treze e os dezasseis anos. Todos os alunos residem na freguesia de S. Julião, à exceção de uma aluna que vive na Guia. Duas alunas da turma têm NEE, ambas portadoras de distúrbio de dislexia.

A maioria dos agregados familiares apresenta um nível socioeconómico e cultural médio. De um modo geral, os pais possuem habilitações ao nível do 3º ciclo e secundário (em média, os pais detêm os níveis 2º e 3º ciclo de escolaridade, enquanto que as mães são habilitadas, na sua maioria, com o 3º ciclo e ensino secundário). Tendo em conta este contexto, oito alunos beneficiam do Escalão A.

Quanto ao sucesso escolar, um reduzido número de alunos apresenta insucesso ao longo da sua escolaridade, sendo que 13,3 % dos alunos já tiveram, pelo menos, uma retenção e 26,6 % dos alunos transitou com nível inferior a três na disciplina de Matemática.

Globalmente, a turma é assídua e pontual, porém, os alunos apresentam fracos hábitos de leitura, falta de responsabilidade no cumprimento das tarefas propostas e falta de autonomia. Os mesmos mostram ainda dificuldade em participar de forma ordenada e respeitosa, e observa-se em alguns alunos pouca valorização da Escola e das aprendizagens que ela proporciona.

1.4.2. Turma de Latim

A disciplina de Latim é uma das opções do plano de estudos de 10º ano da área de Humanidades. Assim, a turma do 10º A é constituída por apenas sete alunos (cinco raparigas e dois rapazes) com idades entre os dezasseis e os dezoito anos.

Todos os alunos habitam na freguesia de Buarcos e São Julião e deslocam-se até à escola de transportes públicos ou no automóvel dos pais.

O ambiente familiar dos alunos classifica-se como bom. Os pais têm na sua maioria o 3º Ciclo de escolaridade. Apenas uma das alunas usufrui de subsídio escolar, escalão A.

No geral, a turma é assídua, porém, alguns alunos faltam a um número significativo de aulas, devido a problemas de saúde. Os discentes apresentam dificuldades de concentração e autonomia, e não revelam hábitos de leitura.

2. Reflexão sobre a prática pedagógica supervisionada

No começo do ano letivo, eu e as minhas colegas dirigimo-nos à escola na qual realizaríamos o Estágio Curricular Supervisionado, a Escola Secundária com 3º CEB Dr. Bernardino Machado. Nesta fomos recebidas pelas orientadoras de Português e Latim, Professora Maria José Barão e Professora Teresa Carriço, respetivamente, as quais nos mostraram as instalações da escola e explicaram o seu funcionamento.

Ao longo da “visita guiada” constatei que os espaços, assim como as pessoas contribuíam para um ambiente agradável. As salas específicas para determinada área (Laboratório de Física, Laboratório de Química, entre outros) estavam munidas dos materiais necessários. A Cantina, o Bar e a Papelaria contavam com instalações bem organizadas e cuidadas. Os funcionários de cada secção mostraram-se agradados com a nossa presença e prontos a auxiliar-nos. A receção que nos foi dada permitiu que nos sentíssemos à vontade e estimulou o nosso processo de integração.

Na verdade, o estágio curricular correspondeu à minha primeira experiência enquanto docente, pois, à exceção de uma aula-ensaio no âmbito da cadeira de Didática das Línguas Clássicas², dirigida aos colegas de curso, nunca havia lecionado.

Este ano letivo constituiu um teste para mim, tendo de me colocar à prova e superar muitas fragilidades. Desta vez estive do outro lado, consciente dos comentários, dos olhares, dos inspetores perspicazes prontos a corrigir.

Durante a prática pedagógica cumpri todos os objetivos previamente estabelecidos no Plano Individual de Formação, ao nível letivo e ainda em relação às atividades extracurriculares. Ao longo do estágio lectionei sete aulas de cem minutos de Latim e oito³ aulas de cem minutos de Português⁴. Tanto a Latim, como a Português, assisti à maioria das aulas da orientadora, bem como aos seminários. Estes foram de extrema importância, pois além de beneficiar de um claro e desenvolvido acompanhamento da orientadora,

² Cadeira do 1º Ano – 1º Semestre do Mestrado em Ensino de Português e Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

³ A oitava aula teve como objetivo avaliar a prestação de todas as estagiárias, as quais prepararam esta sessão sem a intervenção científica da orientadora.

⁴ De acordo com o n.º 1.1.4.2. do Plano Anual Geral de Formação 2014-2015, “o número mínimo de atividades letivas que cada Estagiário tem de assegurar situa-se entre 28 e 32 aulas de 45 minutos ou entre 14 e 16 aulas de 90 minutos, divididas equitativamente pelas duas áreas de formação”. Disponível em www.uc.pt/fluc.

pude aperfeiçoar os meus conhecimentos e esclarecer dúvidas no que concerne à planificação das aulas por mim lecionadas.

Aulas lecionadas de Português			
Período	Unidade Temática	Textos Analisados	Duração
1º	« <u>O barco vai de saída</u> – Teatro de Gil Vicente; Textos Dramáticos»	<i>Auto da Índia</i> , Gil Vicente VV. 1-112	100 minutos
2º	« <u>O barco vai de saída</u> – Teatro de Gil Vicente; Textos Dramáticos»	<i>Auto da Índia</i> , Gil Vicente VV. 127-260	100 minutos
2º	« <u>O barco vai de saída</u> – Teatro de Gil Vicente; Textos Dramáticos»	<i>Auto da Índia</i> , Gil Vicente VV. 80-167 (Ato III, Cena II)	100 minutos
3º	« <u>Mar Português</u> – <i>Os Lusíadas</i> , Camões; Narrativa Épica»	Episódio do Consílio dos Deuses no Olimpo (I, 26-29)	100 minutos
3º	« <u>Mar Português</u> – <i>Os Lusíadas</i> , Camões; Narrativa Épica»	Episódio do <u>Consílio dos deuses no Olimpo</u> (I, 34-37)	100 minutos
3º	« <u>Mar Português</u> – <i>Os Lusíadas</i> , Camões; Narrativa Épica»	Episódio do Consílio dos Deuses no Olimpo (I, 38-44)	100 minutos
3º	« <u>Viajar na distância</u> ; Textos Poéticos»	Poema “Sísifo” de Miguel Torga	100 minutos

Quadro n.º 1 - Aulas lecionadas na disciplina de Português

Aulas lecionadas de Latim			
Período	Unidade Temática	Conteúdo Cultural	Duração
1º	«A presença clássica na Antiguidade»	Mito de Ceres e Prosérpina	100 minutos
2º	«A presença clássica na Antiguidade»	Mito de Dédalo e Ícaro	100 minutos
2º	«A presença clássica na Antiguidade»	Mito de Narciso	100 minutos
2º	«A Educação e o Ensino»	A Educação em Roma	100 minutos
3º	«Religião e vida em família»	A Religião, a Cultura e a Arte dos Etruscos e o seu legado aos Romanos	100 minutos
3º	«A presença clássica na Antiguidade»	Os Doze Trabalhos de Hércules	100 minutos
3º	«A presença clássica na Antiguidade»	Mito de Saturno	100 minutos

Quadro n.º 2 - Aulas lecionadas na disciplina de Latim

A turma do 10º A, que conta com um total de oito alunos, mostrou-se satisfeita com o facto de ter mais três professoras além da professora titular. Aquando do nosso incentivo inicial para o estudo da língua latina, pude compreender que estes se sentiram orgulhosos por estar a iniciar uma língua que, como fizemos questão de vincar, se encontra tão presente no seu quotidiano.

Só mais tardiamente, devido a alterações no que se refere à orientação do estágio na área de Português, que resultou na orientação da professora Teresa Carriço a ambas as disciplinas, e conseqüentemente à turma definida, conhecemos os alunos de Português, a turma do 9ºF.

Inicialmente, as atitudes à nossa chegada foram diferentes. Por um lado, existiam alunos que nos acolheram bem, ao passo que outros estranharam a nossa presença e nos viram como uma espécie de “ameaça”. Este comportamento conduziu a algum receio da minha parte, pois senti que teria dificuldades em relacionar-me com os alunos.

Com o decorrer do tempo, e dada a nossa continuada presença nas aulas das duas turmas, pudemos avaliar os seus perfis e ajustarmo-nos a uma boa dinâmica pedagógica.

A turma de 10º Ano, apesar de contar com um número reduzido de alunos, apresenta um nível de maturidade muito heterogéneo. Os discentes rapidamente se habituaram a trabalhar com quatro professoras, o que se deveu às muitas atividades realizadas em grupo.

No início, pelo facto de os discentes se aperceberem de uma certa dificuldade no contacto com eles, alguns tentaram testar a minha prestação. Deste modo, nas primeiras sessões de Latim fui alvo de perguntas descontextualizadas com o objetivo de testar os meus conhecimentos. Sendo que dentro da sala de aula todos os alunos são iguais, e estando consciente da minha imparcialidade, agi da forma que considereei correta e tentei não desvalorizar a intervenção dos alunos em questão. Contudo, e porque “a armadura não protege o coração”, a minha prestação nas aulas seguintes foi afetada. Passei a sentir-me ansiosa e até desprotegida nessas aulas e sei que essas situações contribuíram para uma reduzida dinâmica e até para algumas falhas da minha parte.

A turma do 9º F, por seu lado, revelou-se uma agradável surpresa, pois através da familiaridade que fomos ganhando “conquistámos” os alunos. A sua necessidade de socializar e a sua vontade de acolher sobrepuseram-se à estranheza que a nossa presença causara no início. Rapidamente se habituaram a ter-nos na sala de aula e a encarar-nos como professoras. Nas aulas que lecionei consegui uma satisfatória dinâmica e, mais do

que tudo, senti-me à vontade. Os alunos revelaram-se interessados e agradados com a minha presença.

Tendo em conta a minha prestação nas duas disciplinas no primeiro período necessitei de melhorar em alguns aspetos, a saber: manter um nível de voz perfeitamente audível durante o decurso da aula; desenvolver o esclarecimento de dúvidas suscitadas pelos alunos; aperfeiçoar a formulação de questões orais; melhorar a dinâmica da aula através da supressão de “momentos mortos” e incentivação para a realização de atividades; utilizar o reforço positivo sempre que se justificasse; dar oportunidade e tempo à reflexão dos alunos e formular perguntas claras. Acrescentar, tive ainda de manter uma linguagem adequada à faixa etária/ano de escolaridade dos alunos e valorizar as suas intervenções desde que estivessem corretas.

Visto que a apreciação global do período anterior não correspondeu às competências que considero possuir, empenhei-me por desenvolver as minhas aptidões com vista a uma melhoria significativa.

Relativamente à disciplina de Latim, na qual revelei ao longo do primeiro período evidentes dificuldades, destaco uma clara evolução. Assim, esforcei-me por melhorar alguns aspetos, como elevar o tom de voz, que passou a ser perfeitamente audível, desenvolver o esclarecimento de dúvidas, que se revelou mais completo e conciso, utilizar frequentemente o reforço positivo aquando de uma intervenção correta e/ou pertinente por parte dos alunos. No geral, devido à minha nova postura e atitude, as sessões tornaram-se mais dinâmicas e conseqüentemente ocorreu uma redução do número dos chamados “momentos mortos”. Este facto estendeu-se aos próprios discentes, que se mostraram mais interessados nos assuntos da aula e mais participativos.

No que se refere a Português, verificou-se também um visível progresso do meu desempenho. As fragilidades correspondiam quase na totalidade às já referidas em relação à disciplina de Latim. Da mesma forma, adotei no segundo período uma atitude diferente e esta permitiu uma mudança na minha prestação durante as aulas. Ao longo de cada uma, esforcei-me por fomentar a motivação para a aprendizagem dos alunos, adequar a linguagem à faixa etária, mostrar disponibilidade no esclarecimento de dúvidas e ainda explorar a sala de aula, não me cingindo a uma só zona da mesma. Tal como aconteceu nas aulas de Latim, estas ganharam dinâmica, em grande parte graças à expressividade que imprimi nas leituras e explicações.

Assim, um novo comportamento conduziu a uma considerável metamorfose, que edificou a evolução da prática pedagógica, a receptividade dos alunos, e conseqüentemente a melhoria na minha avaliação enquanto professora estagiária.

Em geral, relativamente à minha prática letiva levada a cabo no ano letivo de 2014/2015, destaco o meu esforço em manter o nível que me foi atribuído no segundo período, o qual correspondeu a uma significativa evolução em relação à avaliação anterior.

No que se refere à disciplina de Latim, houve um claro progresso, evidente até à execução da última aula. Seguindo a postura adotada desde o período transato, dediquei-me a preparar-me da forma mais completa para a lecionação dos conteúdos propostos para cada sessão. Da mesma forma, em contexto de sala de aula, apliquei-me em manter uma atitude mais dinâmica, no sentido de demarcar de forma espontânea os diversos momentos da aula e estar receptiva às intervenções dos alunos.

Ao nível da disciplina de Português, mantive também o desempenho conseguido no período transato. Tal como no que respeita a Latim, empenhei-me na organização das matérias lecionadas, com o intuito de suprimir quaisquer dúvidas levantadas pelos alunos, e tentei sempre seleccionar textos que solicitassem uma reflexão mais complexa da sua parte. Na execução de cada aula revelei a boa preparação científica e esforcei-me por explicar e clarificar os discentes ao longo de cada sessão. Acrescento que tentei sempre estimular os alunos menos participativos e sondar aqueles que percebi não se encontrarem totalmente esclarecidos sobre o assunto da aula.

Embora as descrições traçadas anteriormente acerca da minha prática pedagógica nas duas disciplinas se tenham revelado muito positivas, identificam-se parâmetros que não foram completamente alcançados.

Em relação a Latim, embora tenha conseguido imprimir uma significativa dinâmica na aula, necessito ainda de aperfeiçoar a fluidez na exposição e explicação dos conteúdos. Relativamente a estes, dedicar-me-ei a um estudo constante, com o objetivo de me mostrar sempre capaz de dissipar dúvidas e esclarecer as particularidades da língua latina.

Na disciplina de Português, a minha prestação nem sempre traduziu o meu investimento ao nível da preparação pré-pedagógica, isto é, anterior à realização das aulas. Esta situação ocorreu na concretização da minha aula número oito, na qual não tive qualquer intervenção da orientadora. Contudo, a preparação desta aula foi feita, como

sempre, de forma completa e rigorosa. Por este facto, a sessão decorreu sem máculas a nível científico.

Assim, julgo que, de futuro, careço de melhorar a forma como oriento a análise interpretativa de cada texto proposto, ou seja, a adequação das perguntas orais, bem como a escolha dos exemplos ilustrativos que permitam aos discentes chegarem às conclusões. Acerca dos conhecimentos científicos, estou consciente de que terei, igualmente no que respeita à disciplina de Latim, de desenvolver um estudo perseverante de modo a dissipar imprecisões e revelar-me uma conhecedora exímia.

Embora não desde início, mas a partir do momento em que se revelou adequado, desenvolvi um conjunto de seis atividades, três de Latim e três de Português, relativas ao tema proposto para este relatório. As referidas atividades tiveram como objetivo compreender o contributo das referências mitológicas na interpretação dos textos estudados.

Todo este percurso foi ainda preenchido por atividades extraletivas, que foram concretizadas com sucesso pelo Grupo de Estágio de Latim, formado por mim, as colegas Sónia Dias e Susana Ferreira, e a orientadora da escola, professora Teresa Carriço. Enquadradas no projeto “Carpe Scholam” da Secção de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foram levadas a cabo as seguintes palestras: “Latini Sumus. O Latim no nosso quotidiano”, no dia 10 de dezembro de 2014, mediada pela professora doutora Paula Barata Dias; “Ser criança na Grécia Antiga”, no dia 14 de janeiro de 2015, pela professora doutora Luísa Ferreira; “Quadros de Mitologia na *Eneida* e *n’Os Lusíadas*”, dinamizada pelos professores doutores Delfim Leão e José Luís Brandão a 16 de janeiro de 2015, e ainda no dia 18 de março, pelo professor doutor Delfim Leão, a palestra intitulada “Jogos Olímpicos”.

Os alunos aos quais as palestras se destinavam, alunos do 9º e 10º anos de escolaridade, bem como alguns professores interessados nas temáticas abordadas, assistiram com agrado às palestras e reconheceram o contributo profícuo de cada uma.

Ainda dentro das atividades extraletivas, e no âmbito do projeto internacional *Ludi Conimbrigenses*⁵, juntamente com as minhas colegas de estágio e orientadora fomos responsáveis pela monotorização de alunos do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico no dia 6 de maio de 2015. Tendo como espaço as Ruínas de Conimbriga, os discentes puderam

⁵ A constituição, organização e eventos relativos ao projeto encontra-se disponível in <http://cechfluc.wix.com/ludiconimbrigenses>

contactar com diversas expressões das línguas e culturas clássicas, e foi evidente a sua satisfação com a experiência.

Concluindo, consciente de um trabalho ao qual imprimi rigor e dedicação, reconheço a existência de aspetos que carecem de ser apurados, com vista à formação de uma profissional reflexiva, em contínuo processo de construção e reconstrução do conhecimento.

Parte II – A Mitologia na compreensão do texto

1. Enquadramento teórico do tema

O processo de ensino-aprendizagem reconhece a necessidade de conduzir os alunos a um uso reflexivo da linguagem. Neste sentido, desenvolvi um projeto de trabalho que contemplasse a aplicação de estratégias que permitissem aos alunos compreender os textos literários a partir das referências mitológicas representadas. Assim, criei atividades que exigissem uma reflexão sobre a importância das menções relacionadas à Mitologia para o estudo do objeto-texto, nos domínios da leitura e da escrita.

1.1. A Leitura e a Escrita

1.1.1. Aspectos genéricos sobre a leitura

Ao longo dos anos, o entendimento do termo “leitura” sofreu uma extensão. A definição de leitura como “decifração e reconhecimento elementar das estruturas textuais de superfície” foi enriquecida com outros dois níveis de proficiência, o da “apreensão informada” e o da “apreensão analítica e crítica” (Amor, 2003: 82).

O processo de leitura encontra-se dependente de três fatores: o material a ser lido, o leitor e a situação concreta da leitura. Deste modo, todas as características e particularidades inerentes aos referidos fatores apresentam-se como condicionantes do processo. No desenvolvimento da competência de leitura, devem ter-se em conta as modalidades, os tipos e estratégias de leitura, pondo em prática as três etapas que podem ocorrer no ato de ler. A pré-leitura pressupõe: a observação global do texto e a criação de condições favoráveis à sua compreensão, mobilizando conhecimentos ou vivências que se possam relacionar com o texto, adquirindo novos conhecimentos imprescindíveis à sua interpretação; observação/reconhecimento/interpretação de índices de modo a familiarizar o leitor com o texto e a antecipar o seu sentido e função. A leitura pressupõe a construção dos sentidos do texto, a partir da ativação de estratégias pragmáticas adequadas. A pós-leitura propõe atividades de reação/reflexão que visam integrar e sistematizar os novos conhecimentos e competências (*idem*: 83).

A condição prévia para o ensino da compreensão passará pela “organização adequada” das três variáveis das quais o processo depende. A compreensão na leitura

concebe-se atualmente como mais ativa e interativa, em vez de passiva e sequencial. Assim, passar-se-á da crença no aprender fazendo para a crença do aprender aprendendo a fazer. Como refere Giasson (2000), ao invés de a habilidade ser adquirida automaticamente pela prática, será importante construir estratégias de leitura em que o professor adota inicialmente o papel de modelo e visa consciente e sistematicamente que o aluno ganhe autonomia na sua apreensão do texto.

Neste sentido, convocam-se as já referidas estratégias de leitura, que são as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura proficiente. A sua utilização permite compreender e interpretar de forma autónoma os textos lidos e pretende despertar o professor para a importância em desenvolver um trabalho efetivo no sentido da formação do leitor independente, crítico e reflexivo (Solé, 1998: 90).

Ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, pois a leitura revela-se necessária para que nos para que nos situemos adequadamente numa sociedade letrada (*idem*: 44).

1.1.2. A leitura nos documentos oficiais

No âmbito da leitura, o *Programa de Português do Ensino Básico* e as *Metas Curriculares de Português* promovem o acesso a textos de várias tipologias, preferencialmente relacionados com a área de formação ou com o interesse dos alunos, bem como a textos dos domínios transacional e educativo, que contribuem para a formação da cidadania. A última recomendação é também apontada pelo *Programa de Latim A 10º ou 11º Anos*, que de acordo com temas específicos foca a importância de textos com um potencial cultural ampliado.

A leitura do texto literário deverá ser estimulada pois contribui decisivamente para o desenvolvimento de uma cultura geral mais vasta, integrando as dimensões humanista, social e artística, e permite acentuar a relevância da linguagem literária na exploração das potencialidades da língua (Reis, 2009: 148). No que se refere à língua latina, importa preceder a leitura de uma integração temática e contextual. A leitura apresenta-se como ponto de partida para a concretização dos objetivos propostos ao nível da temática cultural estudada (Martins, 2001: 45).

Assim, adquire especial importância o acesso a textos e a padrões linguísticos mais complexos. Neste sentido, “há que proporcionar aos alunos oportunidades de

utilização da linguagem oral (...) em experiências de aprendizagem e projetos cada vez mais alargados e exigentes”, que visem o aprofundamento de um olhar crítico sobre o real e o desenvolvimento de uma educação cultural e literária (Reis, 2008: 113).

1.1.3. A leitura na sala de aula

Na prática da leitura é necessário que o aluno coopere com o professor e com os outros alunos constituindo uma comunidade de leitura, regulada pelos seus próprios usos e normas, com o objetivo de desenvolver em cada um as competências de compreensão e de interpretação no sentido de uma autonomia progressiva. Cada aluno contribuirá para essa comunidade em função das suas características linguísticas e experienciais, desencadeando um processo de leitura em interação na sala de aula (Reis, 2008: 23).

A leitura admite ser considerada enquanto objetivo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, depois da fase intitulada como «leitura fundamental», a aula de Português e Latim apresenta-se como laboratório para a promoção de três modalidades de leitura: a leitura funcional, a leitura analítica e crítica e a leitura recreativa (Amor, 2003: 92). Nas aulas que lecionei investi na segunda modalidade, de modo a aperfeiçoar as destrezas reflexivas dos alunos através das atividades propostas.

A leitura em contexto escolar exige, assim, práticas diversificadas segundo o tipo de texto, a situação ou o objetivo perseguido, podendo, por isso, admitir estratégias pessoais mais consentâneas com o sucesso individual dos membros da comunidade de leitores. Cabe ao professor gerir as respostas individuais à leitura, de forma a torná-la mais ativa e eficaz, através de uma discussão capaz de transformar os leitores, os quais se inserem num grupo de cidadãos culturalmente informados e bem formados.

1.1.4. Aspetos genéricos sobre a escrita

A escrita apresenta-se como uma “atividade orientada para um fim – isto é, tem um alvo e uma intenção – a desenvolver de modo faseado.” (Amor, 2003: 110).

O modelo de J. R. Hayes e L.S. Fower integra três componentes associadas à escrita, a primeira relativa ao sujeito do processo de escrita, a segunda ao contexto da tarefa, e a terceira ao processo da escrita propriamente dito (*idem*: 111).

No que se refere a esta última, consideram-se as etapas necessárias à sua realização. A escrita envolve uma parte inicial, que se designa de “planificação”, na qual

se procede à elaboração de um plano que contém a estrutura do texto a realizar, bem como os principais tópicos a desenvolver. A componente de planificação do processo de escrita é mobilizada para estabelecer objetivos e antecipar efeitos, para ativar e selecionar conteúdos, para organizar a informação em ligação à estrutura do texto e para programar a própria realização da tarefa.

Na etapa seguinte, a “textualização”, ocorre a conversão, em linguagem escrita e em texto, do material selecionado e organizado na fase anterior. Para a concretização da mesma, o aluno tem de dar resposta às tarefas ou exigências de “explicitação de conteúdo, formulação linguística e articulação linguística” (Pereira, 2007: 18). Pelo facto de o texto produzido poder conter erros, repetições e outras fragilidades, este exige uma reformulação.

A “revisão” apresenta-se assim como a etapa que permite a dissipação das debilidades acima referidas com vista à obtenção de um texto coeso e coerente. Esta etapa deve ainda ser aproveitada para “reforçar a descoberta e a consciencialização de outras possibilidades, suscetíveis de serem exploradas em processos de reescrita ou na construção de novos textos” (Pereira, 2007: 19).

1.1.5. A escrita nos documentos oficiais

O atual *Programa de Português do Ensino Básico* reflete o novo paradigma didático em torno da competência escrita, percecionando-a como um processo não linear de trabalho, e assenta na apropriação de mecanismos textuais progressivamente mais complexos. Trata-se, sobretudo, de textos de tipo argumentativo e de produções que visam a apropriação e a partilha de saberes em diversas áreas do conhecimento, recorrendo a um registo mais impessoal. (Reis, 2009: 148).

O *Programa de Latim A 10º ou 11º Anos* propõe uma “reflexão linguística em situações de escrita”, no sentido de utilizar a linguagem escrita para aperfeiçoar conhecimentos (Martins, 2001: 17).

Ambos os documentos salientam ainda que, no domínio da escrita, importa que os alunos trabalhem um conjunto alargado de textos, dando-se relevo ao literário, na medida em que este permite o contacto com modos de comunicação de complexidade crescente e com formas mais sofisticadas de organização do pensamento. O objetivo passa por permitir que os alunos extraiam algumas das potencialidades que o texto literário lhes

disponibiliza, de modo a que posteriormente as utilizem nas suas próprias produções escritas.

1.1.6. A escrita na sala de aula

Em relação à aula de Português, destacam-se duas situações que continuam a prevalecer, a primeira referente à escassez e ao artificialismo das situações de produção de texto e a segunda à falta de orientação prestada aquando da produção escrita. As atividades que apresento neste relatório revelam-se apropriadas ao contexto abordado, no entanto a falta de tempo impossibilitou uma instrução mais completa do que aquela que foi sendo dada por mim.

Na aula de Latim, embora as oportunidades de produção escrita sejam mais escassas, os discentes praticam a escrita através de exercícios de tradução do Latim para o Português e de retroversão do Português para o Latim. Tal como aconteceu com as atividades analisadas neste relatório, é importante que os alunos, apesar de escreverem em língua portuguesa, o façam acerca de temas da disciplina de Latim, aproveitando para estabelecer um paralelo entre as matérias.

É, pois, necessário promover, nas aulas de Português e Latim, pequenas oficinas de escrita que integrem a reflexão sobre a língua e que, em interação com as outras competências nucleares, favoreçam, numa progressão diferenciada, a produção, o alargamento, a redução e a transformação do texto, bem como uma gestão pedagógica do erro. Estas pequenas oficinas podem incluir diversos formatos textuais, sendo que as atividades que desenvolvi compreendiam o comentário e o já referido texto argumentativo. A escolha destes formatos permitiu um acompanhamento individualizado dos alunos, agindo sobre as suas dificuldades e assessorando o seu trabalho.

1.2. O contributo da Mitologia na interpretação textual

1.2.1. Mito e Mitologia

«O mito é o nada que é tudo»

(Fernando Pessoa, “Ulisses”, in *Mensagem*, Lisboa, Ática, 10ª ed., 1972)

O conceito de «mito» era entendido, desde os Poemas Homéricos, como uma forma de discurso. Posteriormente passou a ser compreendido como “narrativa”, real ou fictícia. Neste último sentido, começou a opor-se a «logos», que dizia respeito à história verídica. Os mitos são, assim, narrativas tradicionais, e a mitologia, como veiculou a investigação científica desde os tempos de Johann Gottfried Herder (1744-1803), designa tanto coleção e sistema dos mitos de um povo, como a ciência que se ocupa do seu significado (Pereira, 2014: 7).

Esta noção de narrativa que não corresponde à verdade já havia sido postulada pelos Sofistas. Eles entendiam que, apesar da inverosimilhança atribuída ao mito, o mesmo apresentava um nível de significação mais profundo. Esta conceção corresponde a uma teoria que prevalece na receção que vieram a ter na Idade Média, no Renascimento e mesmo até ao século XVIII: a teoria alegorista. Antes havia já surgido uma outra linha de interpretação, a evemerista, a qual associava estas histórias tradicionais a reminiscências históricas, ou seja, os deuses não são mais que personagens históricas de um passado obscuro, amplificados por uma tradição fantasiosa e lendária (*idem*: 7).

No início do século XVIII, surgem novos modelos para considerar este fenómeno. Entre eles, destacam-se os trabalhos de Christian Gotlob Heyne, que diferencia o mito da poesia, da retórica e da alegoria e o entende como uma manifestação autónoma, correspondente a um estágio primordial da Humanidade; e os de Herder, no âmbito do Romantismo alemão, que perspetiva no mito um objeto de investigação científica (*idem*: 8).

A partir da primeira metade do século XIX, declara-se a existência de uma ciência da Mitologia. No entanto, depois de uma passagem pela história da evolução deste género de estudo, esta perspectiva é refutada.

Os mitos têm sido objeto de estudo de diversas áreas, desde a antropologia à psicanálise. A primeira está relacionada com a célebre Escola de Cambridge, que postulou a existência da chamada teoria do ritual. Segundo esta, os mitos eram narrativas tradicionais ligadas a ritos, que correspondiam à sua execução. No entanto esta teoria acaba por encontrar lacunas, pelo facto de nem a todos os mitos estarem associados a rituais (Pereira, 2014: 9).

Ainda no século XIX, na área da Psicanálise, surgiram teorias sobre os mitos, das quais se destacam a de Nietzsche e a de Freud. Na obra *Geburt der Tragodie* (1872), Nietzsche proclama o antagonismo entre espírito apolíneo e espírito dionisíaco. Em relação a Freud, na *Die Traumdeutung* (1900), o autor serve-se de mitos clássicos para dar nome a certas situações, como acontece com o *Rei Édipo* de Sófocles. Contudo, esta teoria foi contestada pelo próprio discípulo de Freud, Jung que renegou o pan-sexualismo das interpretações do mestre e propôs uma conceção onde no inconsciente coletivo se formam arquétipos, como o do velho sábio, da terra-mãe, da criança divina, do sol, entre outros (*idem*: 12).

Já no século XX, precisamente na segunda metade, não poderá deixar de referir-se o nome de Mircea Eliade. No seu entendimento, todas as manifestações remetem ao mito das origens e do eterno retorno, apesar de inúmeros mitos serem irredutíveis a tal simplificação.

Segundo Fontenrose, o mito é uma narrativa de deuses e heróis, teoria refutada pelo facto de muitos se referirem a seres humanos.

Na mesma época, vigora o estruturalismo que tem a sua base no famoso *Cours de Linguistique Générale* de F. de Saussure. Este modelo inspira os trabalhos do antropólogo Claude Lévi-Strauss, que o relaciona com a mitologia, através da história de Édipo (1977: 85).

Para a mesma corrente, os mitos são «estruturas de sentido», ou seja, um produto da linguagem que só adquire significado na relação entre os diversos elementos que o compõem – a que chama mitemas – e que são desprovidos de sentido quando desligados do sistema. Neste sentido, o mito tem de ser considerado em todas as suas versões, atendendo-se apenas à sua perspectiva sincrónica, a qual dispensa a distinção entre versão autêntica e versão primitiva. Sobre estes

pressupostos, postula-se a existência de “dois níveis de leitura (...): o nível narrativo manifesto e o nível mais profundo, que só se pode alcançar através da referenciação dos elementos constitutivos da narrativa mítica” (Jabouille, 1994: 84).

Tal como aconteceu com as teorias anteriormente citadas, a teoria de Strauss contou também com refutações. Os primeiros a contestá-la foram Paul Ricoeur, que acusou os fundamentos desta doutrina de eliminar “a pretensão de mito dizer alguma coisa, que, como visão do mundo pode ser verdadeira ou falsa”, e os classicistas. O principal argumento destes últimos assenta no facto de a dimensão histórica não poder ser excluída da interpretação dos mitos, como defende o estruturalismo (Kirk, 1971: 55).

No geral, tendo em conta as contribuições das diversas teorias, verificou-se que a eliminação da ideia de uma mentalidade primitiva se constitui como um dado adquirido, sendo a coadjuvação mais válida da Psicanálise. Pelo contrário, tem-se constatado a existência do mito, nas suas mais variadas formas, em todas as épocas. No entanto, importa fazer a distinção entre os mitos que são transmitidos de forma oral e recolhidos junto dos povos que desconhecem a escrita, e os que continuam a chegar até nós alvo da depurada da tradição literária, como acontece com os mitos de origem grega.

A dificuldade em delimitar o conceito de “mito” passa ainda pela sua associação com outras narrativas tradicionais no que respeita a aspetos formais e temáticos (Kirk, 1971: 31).

As características contraditórias do mito mantêm o gosto por este produto da mente humana ao longo do tempo. Na verdade, os mitos verbalizam um número ilimitado de experiências, cujas personagens e suas relações a própria narrativa pretende explicar.

1.2.2. A receção dos mitos na Literatura Portuguesa

O vocábulo “mito” remete para a cultura antiga, inerente às histórias de deuses e heróis das antigas civilizações greco-romanas.

Contudo, a palavra utiliza-se muitas vezes em situações completamente distantes da cultura clássica. Como exemplo encontramos os mitos associados à figura de Duan Juan, D. Sebastião e até aos Beatles (Jabouille, 1994: 26).

A oralidade constitui o principal veículo de transmissão dos mitos, os quais participam de uma ligação de diálogo entre o passado e o presente, tal como os entendemos neste trabalho, e são utilizados sobretudo no campo literário.

«Em todas as sociedades, a palavra tem um poder enorme e orienta as acções. Primeiramente, a palavra falada [...] e, depois, a escrita. A palavra que transmite o saber directamente da boca para a orelha [...] transforma-se nas letras manuscritas ou impressas que são lidas em público e, posteriormente, em privado. De acto colectivo, a literatura transforma-se em gesto íntimo. A narrativa com características mitológicas é um modo de expressão popular.» (Jabouille, 1993: 20)

A reutilização de elementos míticos antigos observa-se diariamente e através das mais diversas formas artísticas, de maneira natural, como é exemplo a personagem de «Hércules», facilmente reconhecido como um herói do cinema e da literatura.

O mito de Dédalo e Ícaro apresenta-se como um dos muitos que recebeu várias manifestações na Literatura Portuguesa. Ao encontrar-se preso no labirinto, Dédalo terá construído, para si e para o seu filho, Ícaro, umas asas que prendeu com cera. Segundo o mito, ambos levantaram voo. Sobre o que aconteceu depois foram contadas, ao longo do tempo, versões diferentes da história. Na primeira – a mais conhecida – Ícaro não dera ouvidos a seu pai, que o alertara para não voar perto do Sol. Ousado, o rapaz aproxima-se e acaba por cair, pois a estrela derreteu a cera das suas asas. Uma das referidas manifestações encontra-se n' *Os Lusíadas*, quando o Velho do Restelo compara a atitude ousada do povo português, ou seja, a viagem dos Descobrimentos, à de Ícaro, censurando-a.

Também o Mito de Narciso encontrou recepção na nossa literatura, destacando-se o texto de Miguel Torga. Filho do deus-rio Céfiso e da ninfa Liríope, Narciso era um jovem dotado de uma beleza singular. No dia do seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria vida longa desde que jamais contemplasse a própria figura. Com a sua beleza atraiu o desejo de muitas ninfas, entre elas Eco, a qual foi repelida. Desesperada, esta ficou doente e pediu à deusa Némesis que a vingasse. Narciso, durante uma caçada, fez uma pausa junto a uma fonte de águas claras. Olhando-as, viu-se refletido nas águas e supôs estar a ver outro ser. Paralisado, nunca mais conseguiu desviar os olhos daquele rosto que era o seu. Apaixonado por si próprio, Narciso mergulhou os braços na água para abraçar aquela imagem que não parava de se

esquivar. Torturado por esse desejo impossível, chorou e acabou por entender que era ele mesmo o objeto do seu amor. Ficou a contemplar a sua imagem até morrer. No poema⁶, Torga estende a figura de Narciso à de cada homem, que busca incessantemente pela verdade que nunca alcança.

De entre o lote de mitos reutilizados destaca-se também o Mito de Sísifo, que tinha a reputação de ser o mais habilidoso e esperto dos homens e por esta razão dizia-se que era pai de Ulisses. Sísifo despertou a ira de Júpiter quando contou ao deus do rio, Asopo, que Júpiter tinha sequestrado a sua filha Egina. O pai dos deuses mandou Plutão perseguir Sísifo, mas este conseguiu enganá-lo e prendê-lo. A prisão de Plutão impedia que os mortos pudessem alcançar o Reino das Trevas, tendo sido necessário que fosse libertado por Marte. Quando chegou ao mundo dos mortos, convenceu Prosérpina a deixá-lo regressar. Júpiter incumbiu-o então de um novo castigo. Sísifo foi condenado para todo o sempre a empurrar uma pedra até ao cimo de um monte, caindo a pedra invariavelmente da montanha sempre que o topo era atingido. Este processo seria sempre repetido até à eternidade.⁷ Uma das manifestações desta história encontra-se no poema “Sísifo”⁸, da autoria de Miguel Torga. Tendo como base este mito, o “eu” poético incita o “tu” poético a recomeçar sempre que exista uma situação de derrota, «sem angústia e sem pressa». Desprovido de preconceitos, o sujeito poético pede que o “tu” prossiga o caminho da vida, e concretize os seus sonhos. Contudo, adverte-o a que permaneça atento aos enganos que os seus sonhos podem atrair, os quais podem conduzir a consequências nefastas.

Como já referido, Hércules é uma das personagens da mitologia a que a literatura tem dado maior relevância. De entre as histórias relacionadas a esta personagem, destacam-se os conhecidos Doze Trabalhos de Hércules. Incumbido pelo rei Euristeu, Hércules cumpre um conjunto de doze tarefas, desde a captura do Leão de Nemeia, até à descida ao reino dos mortos de modo a trazer vivo o cão de três cabeças, Cérbero.⁹ Uma referência a estes trabalhos encontra-se no conto “Setecentos mil sestércios”¹⁰ de Mário de Carvalho. O protagonista do conto compara-se a Hércules, mas, dado o seu percurso, percebido ao longo da leitura, constata-se que a comparação pode ser considerada irónica, sendo esta anunciada logo no início pela personagem principal. A missão da qual Marco,

⁶ Torga (1974: 78-79).

⁷ Cardona (1996: 188-89).

⁸ Torga (2011: 20).

⁹ Grimal (1992: 205-213).

¹⁰ Carvalho (1991: 11-19).

o protagonista, é incumbido não pode de forma alguma estar associada às doze tarefas executadas por Hércules, em primeiro lugar porque a exigência do desafio, no caso da personagem mitológica, é completamente superior ao de Marco, em segundo lugar, o facto de a força das duas personagens não poder ser comparada pois, tal como o protagonista do conto refere, existe uma “desproporção das forças”.

1.2.3. Mitologia: representação de valores

As práticas escolares podem abordar a literatura de um modo duplo, propondo uma “aprendizagem da literatura” e uma “aprendizagem com a leitura”. O trabalho com a leitura passa por um “treino explícito do intelecto do aluno”, onde se conciliem os conhecimentos prévios aos conhecimentos adquiridos. Estes últimos incluem, além de saberes associados com a aprendizagem do domínio da leitura, os conhecimentos veiculados pelos textos, ou seja, os valores, fundamentalmente, estéticos e éticos (Mello, 2004: 343).

Neste sentido, a leitura enquanto atividade subjetiva, intersubjetiva e projetiva implica o estudo dos valores.

O professor é responsável por incutir nos alunos a apropriação dos valores em relação com o ensino dos conteúdos. Embora de ordem pessoal, a aprendizagem dos valores depende do professor, que contribui para a sua “inculcação”. Esta aprendizagem não acontece de forma repentina, pois os valores “são objeto de uma longa sedimentação, de um longo amadurecimento, no *continuum* que é a vida de leitores” (Mello, 2000: 107).

A leitura que faz desenvolver valores possibilita atividades essenciais como a “descoberta de sentidos para a experiência humana” e o “reconhecimento de problematização do homem e da sua circunstância existencial” (*idem, ibidem*).

Pela presença ou ausência, pela positividade ou negatividade, todos os textos veiculam a questão dos valores. Contudo, a aprendizagem dos valores encontra-se dependente da didática do texto literário, sendo que a qualidade das atividades condiciona a receção dos valores por parte dos alunos (*idem*, 108).

No caso dos mitos encontra-se o exemplo de Dédalo e Ícaro, onde as personagens através dos artífices prodigiosos superam os obstáculos naturais com o seu engenho, mas acabam por ser vítimas da sua ousadia. Ícaro ultrapassa, por audácia, os limites que o pai estabelece, aproxima-se do sol e o fogo incendeia as suas asas de cera.

Também a epopeia camonianiana, enquanto unidade resultante de várias vertentes, sendo uma delas a mitológica, pressupõe uma base demonstrativa que se traduz na celebração de heróis e dos valores por eles encarnados (Bernardes, 1999: 135).

O legado axiológico da Idade Média aparece incluído na ética do Humanismo e do Renascimento. Tanto as situações e personagens históricas como aquelas que se integram na mitologia funcionam como ilustrações metonímicas de valores. Neste sentido, refere-se assim a luta entre Baco e Vénus, percebidos respetivamente como personificações do Amor e do Despeito. Na verdade, estão em confronto o receio de Baco em perder o domínio da Índia, assim que os Portugueses a ocupem, e a afeição de Vénus pelos Lusitanos nos quais encontra tantas semelhanças com o povo romano, desde a língua até à valentia.

Segundo José Augusto Cardoso Bernardes, “os valores não são apenas uma base pretextual na qual o autor exhibe o seu engenho e a sua arte; pelo contrário: é a partir deles e regressando a eles que se cimenta a unidade do poema (...) originando uma síntese própria onde o Amor (...) ocupa um lugar central e subordinante” (*idem*: 136-7).

Na epopeia, o Amor é concebido como sentimento, mas também como valor. Assim, ele funciona simultaneamente como referência positiva e como força cujo poder não pode ser apaziguado nem pelo Destino inexorável (*idem*: 137).

Num polo oposto encontram-se os oponentes a esta face positiva. Este reverso constitui uma das facetas mais ricas da obra de Camões. O Poeta apresenta um cenário, onde uma situação ou personagem encarna um valor chamado de positivo, ou nas palavras de Cardoso Bernardes “valor de luz”, para de seguida expor uma outra situação ou personagem representativa de um contravalor, designado de “valor de sombra”, representados por Vénus e Baco, respetivamente.

1.2.4. A importância da Mitologia nas aulas de Português e Latim

Embora se reconheça a importância da mitologia aquando da análise interpretativa dos textos analisados, atualmente existe uma desvalorização no que respeita à duração e atenção prestada aos temas clássicos.

A verdade é que muitas das figuras e referências com que os alunos se deparam durante a compreensão textual, pertencem à mitologia, e torna-se afinal necessário saber quem são «Vénus» e «Baco» ou «Ícaro» e «Sísifo», o que significa «ser como Narciso», ou o que são uns «Estábulos de Augias».

Neste sentido, muitas vezes quando os alunos na disciplina de Português são confrontados com estas diversas alusões, identificam-nas pois conheceram-nas através de áreas como o cinema ou a própria literatura. No entanto, desconhecem a história que se encontra inerente a cada uma delas.

Os manuais e os professores seriam assim os encarregados por elucidar os discentes, mas o mesmo não se verifica. Nos manuais, a nomenclatura referente a figuras mitológicas apresenta, frequentemente, lacunas e mesmo gralhas¹¹, como acontece no manual adotado para a disciplina de Português, e com o qual trabalhei, *Novo Plural 9*. Também as notas que acompanham os textos analisados e servem como explicação da referência a que corresponde, apresentam-se lineares, e não permitem que o aluno compreenda a própria explicação para posteriormente enquadrá-la no sentido geral do texto, como acontece na obra *Os Lusíadas*. No caso dos professores, verifica-se, muitas vezes, por um lado, falta de um conhecimento consistente, de forma a esclarecer os alunos, o que se torna compreensível se estes não tiveram conhecimentos básicos na área das Línguas e Culturas Clássicas. Embora a minha condição de estagiária não permita uma análise ampla da realidade escolar, o certo é que, enquanto aluna que fui no ensino secundário, não tive professores de Português com uma sólida formação na área dos Estudos Clássicos. Esta situação exige portanto da parte dos docentes uma preparação prévia para a posterior explicação destes conteúdos. No entanto, constata-se frequentemente um descrédito dos professores no que se refere à elucidação destes saberes, o que condiciona determinantemente o sucesso dos alunos na interpretação de textos onde se encontrem incluídas referências mitológicas.

A inserção das Línguas e Culturas Clássicas no Sistema Educativo Português é, a partir do ano letivo de 2015/2016¹², uma realidade concreta. As vantagens do ensino do Latim são infindáveis, colocando os alunos a estudar as suas raízes, através da aprendizagem da língua latina e da reflexão sobre a cultura romana, em contraponto com as suas próprias. Nas palavras de Maria Manuel Pimentel d' Abreu:

¹¹ Refiro-me em concreto à seguinte gralha na página 175, em que o nome da personagem “Pátroclo” se encontra mal escrito: “Prátoclo”.

¹² As informações sobre esta nova disciplina, a ser lecionada como “oferta de Escola”, podem ser consultadas in <http://dge.mec.pt/introducao-cultura-e-linguas-classicas>.

Estudar a Cultura Greco-Romana com todos os seus pontos de contacto ou de diferenciação em relação à nossa própria cultura leva os alunos a despertar mais cedo para a natureza, para a sua própria sociedade e aumenta-lhes a capacidade de apreciação em relação ao que os rodeia. (1993: 231)

Na verdade, em contexto de sala de aula podemos perceber que os alunos mostram grande atratividade por estes temas.

Os discentes de Latim descobrem uma nova língua, ao mesmo tempo tão próxima da sua. Eles próprios entendem que a disciplina lhes proporciona uma multiplicidade de saberes e experiências, ao conjugar conhecimentos linguísticos, de incontestável contributo, muitas vezes, para a própria aprendizagem e consolidação de conteúdos da língua portuguesa, e ainda conhecimentos culturais, nos quais se incluem os elementos respeitantes à vida social e política, e os diversos e profícuos mitos greco-latinos.

Na disciplina de Português, embora os alunos não aprofundem os saberes ligados à Língua e Cultura Clássica, deveriam ser munidos de uma gama consistente deles, capaz de permitir que analisassem de forma correta os textos propostos.

A título de exemplo cite-se uma das obras estudadas no 9º ano de escolaridade, *Os Lusíadas*. A epopeia de Camões «respira» mitologia. O Plano Mitológico ou Plano da Mitologia, segundo a divisão proposta por Jorge de Sena¹³, surge na maioria dos episódios, onde situações e personagens possuem estreita relação com a mitologia.

1.3. O tema nos documentos de referência

1.3.1. Português

Tal como já referido no ponto anterior, os manuais escolares apresentam um défice no que respeita às explicações das referências mitológicas incluídas nos textos. Os documentos oficiais apresentam também uma escassa matéria relativamente à importância da Mitologia enquanto contributo para a análise interpretativa.

1.3.1.1. Programa de Português do Ensino Básico

¹³ Sena (1980).

De entre as diferentes tipologias textuais que o *Programa de Português do Ensino Básico* postula, surgem os mitos. No entanto, o destaque dado ao assunto resume-se a esta sugestão programática.

No âmbito dos diversos conhecimentos adquiridos pela aprendizagem da língua portuguesa, e que o *Programa de Português do Ensino Básico* apresenta, o eixo do conhecimento translinguístico remete para a aquisição de outros saberes que o Português oferece. Neste sentido, seria uma mais-valia que a Mitologia fosse referida enquanto instrumento para a apreensão de conhecimentos necessários e atrativos para os alunos.

Sendo o 3º ciclo “aquele em que de forma mais significativa cabe valorizar a nossa herança literária e cultural”, e deste modo propondo-se o estudo da obra *Os Lusíadas*, apresentar-se-ia adequado aludir ao facto de a Mitologia constituir a maior fonte para o legado que a obra exalta. Ainda no campo da educação literária, a seleção de outros textos, que deverão ser “representativos das tradições culturais”, solicitará a escolha de textos com referências mitológicas.

Neste processo, ao professor o *Programa de Português do Ensino Básico* atribui a responsabilidade de eleger textos onde os alunos possam “reflectir sobre os valores culturais”, e assim a Mitologia apresenta-se mais uma vez como veículo para essa reflexão axiológica.

1.3.1.2. Metas Curriculares de Português do Ensino Básico

Nas *Metas Curriculares de Português* assinala-se, de entre os objetivos no domínio da Educação Literária, o reconhecimento de “relações que as obras estabelecem com o contexto cultural no qual foram escritas”. Desta forma, o estudo dos mitos permite uma compreensão da época contemporânea, a partir da representação de temas e figuras da mitologia. A vertente mitológica afigura-se também competente para a identificação de “valores culturais, estéticos, éticos, políticos e religiosos” que perpassam nos textos. Deste modo, a análise interpretativa de textos que incluam referências mitológicas afiguram-se como perfeitamente adequados para o reconhecimento dos referidos valores. Ainda no que se refere ao carácter axiológico veiculado nos textos, as *Metas Curriculares de Português* indicam também como objetivo a comparação de “valores expressos em diferentes textos de autores contemporâneos com os de textos de outras épocas e culturas”. No que respeita a este objetivo, mais uma vez os textos com referências mitológicas se apresentam apropriados para cumpri-lo. Particularmente, estes textos

correspondem aos que constituem manifestações da receção da Cultura Clássica na Literatura Portuguesa.

1.3.1.3. Manual escolar

O manual da disciplina de Português, *Novo Plural 9*, no caso da unidade dedicada ao estudo da obra *Os Lusíadas*, aquela que de forma mais significativa explora a vertente mitológica, apresenta uma contextualização no que se refere aos temas clássicos. Além de um resumo da *Iliada*, da *Odisseia* e da *Eneida*, encontramos uma lista com a identificação das principais divindades. Apesar deste aspeto, que reputamos positivo, uma leitura atenta desses resumos esbarra em erros de nomes de personagens.

No que respeita aos textos objeto de análise, a salientar a epopeia camoniana, observa-se a presença de notas explicativas referentes a temas e figuras mitológicas, embora, em meu entender, não cumpram o objetivo de esclarecer os alunos, dado o seu laconismo.

1.3.2. Latim

O *Programa de Latim A de 10º ou 11º Anos* destina uma grande parte da vertente cultural ao estudo dos mitos, o que se reflete obviamente, também nos manuais escolares da disciplina.

1.3.2.1. Programa de Latim A de 10º ou 11º Anos

O *Programa de Latim* postula a descoberta do presente a partir do passado. A presença da cultura greco-latina no quotidiano reforça a necessidade de “recordar alguns mitos (...) que continuam a fazer parte das nossas referências culturais, (...) a nível literário ...”. A este nível, destaca-se a importância da identificação dos valores humanos em qualquer mito estudado, bem como a sua avaliação crítica por parte dos alunos. Neste sentido, e tal como o *Programa de Latim* refere, os discentes devem refletir sobre “a mensagem que o texto veicula”, neste caso, através da vertente axiológica que o mito transmite.

Este documento indica ainda como objetivo a associação entre os conhecimentos adquiridos e os saberes que o aluno já possui de outras disciplinas, nomeadamente

Português. Sobre este tópico importa mencionar a receção da Cultura Clássica na Literatura Portuguesa. A proficuidade dos mitos encontra-se precisamente na sua capacidade de utilização por parte de autores contemporâneos. Estes aproveitam as características e especificidades inerentes a determinada personagem mitológica, as temáticas e os ensinamentos e transportam-nos para os seus textos.

1.3.2.2. Manual escolar

O manual escolar da disciplina de Latim foi resultado dos materiais didáticos criados pelas professoras estagiárias e pela professora titular para cada aula lecionada. Esta opção deveu-se ao facto de este método permitir a escolha de textos e tarefas adequadas às temáticas lecionadas por cada professora estagiária.

Assim, as atividades contidas neste manual, três das quais elaboradas para constar deste relatório, foram realizadas com o intuito de abranger o tema proposto.

As atividades que desenvolvi integram o estudo de mitos específicos, a partir da contextualização inicial, que compreendia apresentações em PowerPoint com imagens ilustrativas, recursos audiovisuais e a exposição da professora estagiária. O passo seguinte incluía a análise do texto sobre o mito proposto. O processo rematava com uma reflexão entre o mito estudado e uma manifestação do mesmo na Literatura Portuguesa.

2. Didatização

2.1. Metodologia

O presente relatório pretende averiguar a contributo das referências mitológicas na interpretação textual.

Neste sentido, quis explorar algumas questões inerentes ao referido tema, a saber: de que modo as personagens ligadas à Mitologia são representativas de valores humanos; em que medida o estudo os mitos auxilia os alunos na compreensão das suas manifestações na Literatura Portuguesa; de que forma as explicações das referências mitológicas incluídas nos textos analisados (de manuais escolares) se revelam suficientes para a interpretação dos textos, e, finalmente, como é que a explicação mais aprofundada destas referências mitológicas contribui para a compreensão textual.

Para este efeito, procedi à criação de um conjunto de seis atividades, três na disciplina de Latim e três na disciplina de Português.

A aplicação do tema foi realizada após a abordagem dos conteúdos programáticos e constou na produção das atividades acima referidas. A didatização abrangeu assim quatro fases: três atividades sobre a leitura e a produção escrita, envolvendo uma vertente quantitativa; e um inquérito final, analisado segundo uma vertente qualitativa. As questões apresentadas incluem perguntas de resposta fechada e perguntas de resposta aberta.

Tendo em conta o respeito pelos pressupostos deontológicos, obtive o consentimento dos participantes para a realização das atividades, forneci informação necessária sobre o trabalho, o que permitiu aos alunos uma decisão esclarecida quanto às características gerais da sua participação, e mantive o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.¹⁴ Sobre este aspeto acrescenta-se o facto de os alunos serem identificados pelo termo “Aluno”, seguido da letra por ordem alfabética. No caso da turma de Português, 9º F, sendo que conta com um total de quinze alunos, por razões de ordem prática, foram analisadas em pormenor três respostas de cada pergunta. A escolha deveu-se à qualidade das respostas apresentadas, no nível de fraco, médio e bom. A turma de

¹⁴ Os princípios deontológicos enunciados foram adaptados do Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses, publicado na 2ª Série do Diário da República a 20 de Abril de 2011 e disponível em https://www.ordemdospsicologos.pt/pt/cod_deontologico

Latim, 10º A, constituída por cinco alunos, foi alvo de uma análise detalhada das suas respostas.

2.2. Recursos

2.2.1. Recursos utilizados na disciplina de Português

No que se refere à educação literária, o *Programa de Português do Ensino Básico* recomenda que se alie a competência da leitura à da escrita. No 3.º ciclo, pretende-se que os alunos aprofundem o estudo refletido dos textos, pelo que deverão ser promovidas oportunidades de aprendizagem que alarguem e consolidem os processos de compreensão, produção e fruição.

A obra com maior relevância no âmbito do 9º ano de escolaridade, *Os Lusíadas*, constituiu o melhor instrumento para a prática do tema proposto. Tal como refere Amélia Pinto Pais “(...) a introdução da fábula mitológica era ingrediente obrigatório do género épico, que Camões queria fazer «renascer».

Assim, de modo a aplicar o tema pretendido, selecionei o episódio de “O Consílio dos Deuses no Olimpo”, sobre o qual os discentes realizaram as duas primeiras atividades.

Também o texto poético permite o desenvolvimento da leitura e produção escrita, pois um poema apresenta-se como um campo ilimitado para interpretações. No caso, o poema escolhido permitiu também estabelecer uma relação com os temas míticos, pois é inspirado no Mito de Sísifo. De entre o leque de poemas com base na Mitologia, elegi o poema “Sísifo” de Miguel Torga, que embora não constasse do manual escolar, considerei que oferecia uma reflexão mais profunda e adequada à fase de complexidade textual que o ano de escolaridade requeria.

Como já mencionado anteriormente, estando os temas definidos, o professor torna-se responsável pela sua didatização. Desta forma, tendo em conta este dois conteúdos, tratei de criar atividades apropriadas ao tema abordado, assim como ao ano de escolaridade dos alunos.

2.2.2. Recursos utilizados na disciplina de Latim

O *Programa de Latim A de 10º ou 11º Anos* é constituído por duas vertentes, a da língua e a da cultura. Dado o tema deste relatório, era inevitável a escolha de mitos greco-latinos como conteúdo cultural para a criação das atividades.

Como mencionado anteriormente, o próprio programa postula a importância do estudo dos mitos enquanto componente valorativa, cujo tema se oferece a múltiplas reutilizações.

A abordagem que realizei na disciplina de Latim centrou-se na vertente da receção dos mitos na Literatura Portuguesa. Assim, a escolha destes mitos deveu-se ao facto de terem sido alvo de um reaproveitamento por parte de alguns autores portugueses. Por se mostrar adequado numa das atividades reconheci a necessidade de uma reflexão sobre o carácter axiológico do mito estudado.

A primeira atividade foi dedicada ao Mito de Ícaro e Dédalo, sendo precisamente a sua realização que compreendeu as duas vertentes acima referidas. Da Literatura Portuguesa selecionei *Os Lusíadas*, especificamente as estâncias 94-96 e 100-104 do episódio de “O Velho do Restelo”, como produto da reutilização deste mito.

O Mito de Narciso foi o tema da segunda atividade elaborada. No que respeita à receção em autores portugueses, considerei o poema “Narciso” de Miguel Torga apropriado a uma reflexão sobre a transposição da temática do mito para o poema.

A última tarefa contemplou a abordagem dos Doze Trabalhos de Hércules. Como já realizado nas outras atividades, esta compreendeu um reaproveitamento ao nível literário, sendo que a escolha recaiu desta vez no conto “Seiscentos mil sestércios” da autoria de Mário de Carvalho.

Tal como em relação à disciplina de Português, a elaboração das atividades no âmbito do Latim teve em conta a apropriação ao tema estudado e o interesse dos alunos, assim como o ano de escolaridade em causa.

2.3. Operacionalização

Como referido anteriormente, este relatório apresenta a análise de quatro atividades distintas em cada disciplina. Assim, em relação a Português, a primeira atividade (doc. 1, p. III) consistiu na realização de uma questão de escolha múltipla e de um comentário; a segunda (doc. 2, p. IX) na elaboração de um texto argumentativo; e a terceira atividade (doc. 4, p. XII) contemplou mais uma vez a produção de um comentário. No que se refere a Latim, a primeira atividade (doc. 6, p. XXIII) incluiu uma questão de escolha múltipla e um comentário; a segunda tarefa (doc. 8, p. XXXIV) integrou uma pergunta de escolha múltipla; e a terceira atividade (doc. 11, p. LXI) um comentário. Em ambas as disciplinas, os alunos realizaram um inquérito no final (doc. 12, p. LXXI; doc. 13, p. LXXIV) do ano letivo, de modo a averiguar a sua opinião acerca da concretização ou não do objetivo proposto para o presente relatório.

Apesar de as turmas corresponderem a anos de escolaridade diferentes, mantive a analogia possível nas atividades desenvolvidas nas duas disciplinas ao nível do formato textual escolhido. Considero que relativamente às temáticas, embora distintas, se encontrem pontos de contacto, uma vez que o assunto assim o exigia. Na realização das atividades a minha intervenção cingiu-se a esclarecimentos pontuais, prevenindo interferências nos resultados obtidos.

Quanto aos recursos e materiais para a realização destas tarefas, foram selecionados textos contemplados nos documentos oficiais, ou textos que julguei adequados ao ano de escolaridade e simultaneamente apropriados à aplicação do tema proposto. Os materiais didáticos foram elaborados por mim. Todos os enunciados, incluindo a criação de alguns textos na disciplina de Latim, são da minha autoria.

Embora para o estudo realizado valorize somente o conteúdo das respostas, para uma correção completa decidi analisar as duas componentes normalmente avaliadas, forma e conteúdo.

2.3.1. Operacionalização na turma de Português

A primeira atividade ocorreu no segundo período, no âmbito do estudo da obra *Os Lusíadas*, nomeadamente do episódio do “Consílio dos Deuses no Olimpo”, estâncias 34-37 (doc. 1, p. III).

Depois da análise interpretativa das estâncias referidas, feita com recurso a uma apresentação em PowerPoint, foi distribuída aos alunos uma Ficha de Trabalho (doc. 1, p. III). Esta continha uma breve e concisa explicação acerca dos valores e sua divisão em valores objetivos e valores subjetivos, exemplos ilustrativos e ainda dois exercícios. A anteceder a realização destes, procedi a uma exposição acerca da temática, de forma objetiva, já que esta matéria somente será iniciada na disciplina de Filosofia no 10º Ano.

O primeiro exercício solicitava aos alunos a identificação do valor associado à personagem de Baco. (doc. 1, p. III)

O segundo exercício (doc. 1, p. III), do mesmo caráter do anterior, consistia num comentário limitado (três linhas), onde os alunos referiram qual o valor relacionado com a personagem de Vénus. Os discentes tiveram posteriormente de apresentar os motivos da sua escolha.

A realização da segunda tarefa (doc. 2, p. VI) aconteceu no segundo período, na sequência do final da interpretação do episódio de “O Consílio dos Deuses no Olimpo”. Como forma de consolidação do conteúdo, foi pedido que os alunos elaborassem um texto argumentativo, limitado ao número de palavra postulado no Exame Nacional do Ensino Básico sobre a importância do “Consílio dos Deuses” ao nível da glorificação do protagonista d’*Os Lusíadas*. De modo a facilitar a realização do texto, propus dois tópicos orientadores. Antes do trabalho pedido, expliquei aos discentes o objetivo e a estrutura do texto argumentativo, e procedi em conjunto com a turma à realização da primeira fase da produção escrita, a planificação. Previamente elaborei um modelo de plano (doc. 3, p. IX).

A última atividade, realizada no terceiro período, foi subordinada ao estudo do poema “Sísifo”, de Miguel Torga (doc. 4, p. XII).

Os alunos começaram pela análise interpretativa do poema através de questões, passando depois para a elaboração da referida tarefa, incluídas numa Ficha de Trabalho (doc. 4, p. XII). A atividade propunha a indicação de duas semelhanças entre o poema e o mito que o inspirou.

2.3.2. Operacionalização na turma de Latim

A primeira atividade, que parte de uma Ficha de Trabalho (doc. 6, p. XXIII), efetuou-se no início do segundo período, a propósito do estudo do Mito de Dédalo e Ícaro.

Inicialmente, os alunos realizaram o processo convencional de leitura expressiva de um texto sobre o referido mito, tradução do mesmo e identificação sintática de algumas palavras. O texto latino apresentado resultou de uma adaptação de uma composição do manual *Noua Itinera* da autoria de Isaltina Martins e Maria Teresa Freire.

De seguida, e de modo a disponibilizar aos alunos uma explicação mais detalhada sobre o mito em estudo, expus as informações relativas a este com o auxílio de uma apresentação em PowerPoint (doc. 5, p. XVIII).

Depois de munidos de uma gama suficiente de conhecimentos, os discentes realizaram a atividade, composta por duas questões. A primeira destinava-se ao reconhecimento do valor associado à atitude de Ícaro.

O segundo exercício envolvia a reflexão acerca da concordância ou não do Velho do Restelo com o comportamento da figura mitológica referida. De modo a contextualizar os alunos, procedi a uma concisa exposição do episódio¹⁵, tendo em conta a simbologia do Velho na obra *Os Lusíadas*.

A segunda atividade realizou-se também no segundo período, no âmbito do estudo do Mito de Eco e Narciso. Do mesmo modo, os discentes realizaram os exercícios prévios de leitura, tradução e análise sintática de um texto. Este decorreu de um trabalho de parceria entre mim e a orientadora do estágio. As tarefas estavam incluídas numa Ficha de Trabalho (doc. 8, p. XXXIV).

De modo a clarificar os alunos, procedi ao uso da estratégia utilizada na atividade anterior, ou seja, uma apresentação em PowerPoint acerca do referido mito (doc. 7, p. XXIX).

¹⁵A necessidade de contextualização do referido episódio prendeu-se também com o facto de este ter já não constar do *Programa de Português do Ensino Básico*.

A atividade realizada posteriormente envolvia uma reflexão acerca da relação entre o mito analisado e o poema “O Narciso”, de Miguel Torga. Para este efeito, de início mediei um pequeno debate entre os elementos da turma. A execução desta tarefa solicitava a resposta a um pequeno questionário de quatro alíneas de resposta fechada – escolha múltipla.

A terceira e última atividade, no terceiro período, foi feita no final do estudo acerca dos Doze Trabalhos de Hércules. Inicialmente, os discentes realizaram a tradução de um texto alusivo a um destes trabalhos, análise sintática, e elaboração de um exercício de versão de algumas frases, tarefas contidas numa Ficha de Trabalho (doc.11, p. LXI). Em seguida, expus algumas informações acerca de cada trabalho executado por Hércules através de uma apresentação em PowerPoint (doc. 9, p. XLI).

Seguidamente, pedi que os alunos lessem o conto “Seiscentos mil sestércios” (doc. 10, p. LIV). Esta leitura foi sendo interrompida pelas dúvidas dos alunos relativas a certas expressões e os meus respetivos esclarecimentos. Depois destas informações, solicitei aos discentes a realização de uma questão sobre a razão da menção aos “trabalhos de Hércules”, através da comparação que é feita entre esta personagem mitológica e o protagonista do conto.

2.4. Análise e interpretação dos resultados

Esta secção começa por apresentar algumas conclusões sobre as atividades realizadas, tendo em conta a observação e análise das mesmas. Finalmente, sugiro algumas propostas de remediação, que permitirão colmatar algumas falhas na execução das atividades analisadas.

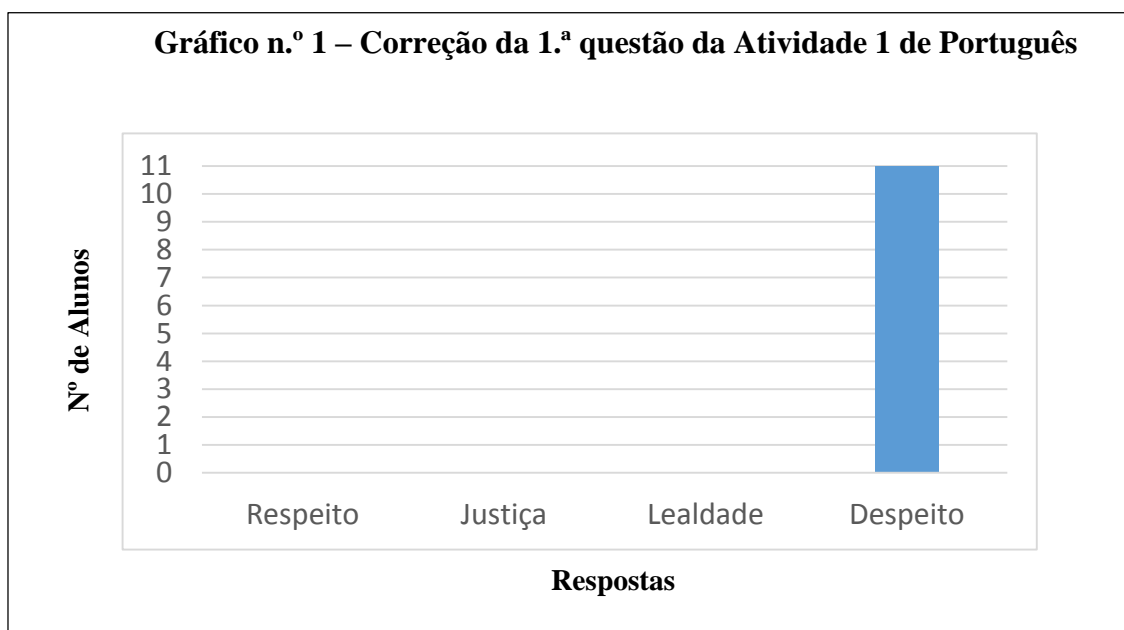
2.4.1. Análise das Atividades

As conclusões expostas resultam da análise do conteúdo abordado em cada atividade. Na análise que fiz, o conteúdo foi privilegiado em detrimento da forma, embora o resultado final do trabalho de cada aluno decorra da soma entre as duas componentes. A avaliação do conteúdo dependerá da presença dos tópicos previamente selecionados para formar uma resposta correta. A forma incluirá a correção de erros ortográficos e de pontuação, incorreções sintáticas e imprecisões semânticas.

2.4.1.1. Análise das atividades de Português

A primeira atividade integrava dois objetivos: indicar qual o valor associado à personagem de Baco e explicar o valor relacionado com a personagem de Vénus.

Todos os alunos que realizaram esta atividade, onze no total, assinalaram corretamente o valor associado a Baco, ou seja, Despeito, como mostra o gráfico abaixo.

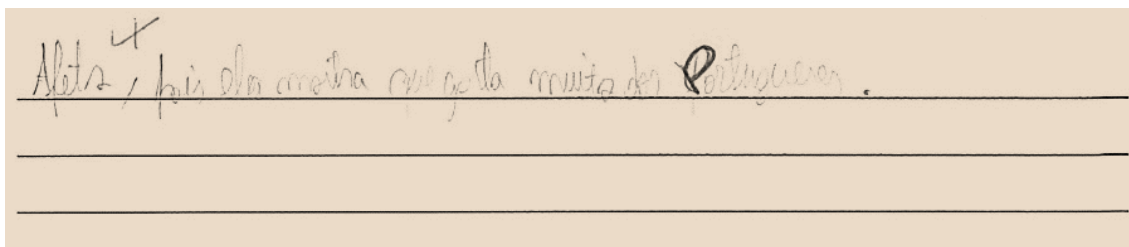


Os discentes facilmente assinalaram a resposta correta, dado Baco se caracterizar como uma personagem oponente, que se contrapõe à viagem dos Portugueses até à Índia, com receio que a sua fama seja esquecida no Oriente.

A elaboração da segunda questão desta atividade exigia que os alunos indicassem o Amor como valor relacionado a Vénus e que justificassem esta opção tendo em conta o facto de a deusa encontrar semelhanças entre os Portugueses e o seu povo, o romano, tanto na valentia como na língua, o Latim.

O aluno A (resposta considerada fraca) referiu como valor associado à personagem Vénus, o “afeto”. Como motivo para a sua escolha, mencionou que a deusa mostrava que gostava muito dos Portugueses. Assim, o discente não apresentou o valor pedido, embora tenha compreendido o carácter afetivo relacionado a este. Na justificação, o aluno reiterou a afeição de Vénus pelo povo português, e não expandiu a sua resposta.

Para colmatar a incompletude da resposta, o aluno deveria apontar o Amor como valor ligado a Vénus e de justificar a opção mencionando o facto de a deusa encontrar parecenças entre os Portugueses e os Romanos, tanto na valentia, como na língua.



Documento 1 – Correção da resposta do Aluno A à segunda questão da 1.ª Atividade de Português

O aluno B (resposta considerada média) aponta que o Amor é o valor relacionado à personagem Vénus. Os motivos que justificam esta opção são as semelhanças entre os Portugueses e os Romanos, que o discente acrescenta ser o povo de Eneias. O aluno menciona ainda que o povo português se caracteriza por ser um “povo de guerreiros e heróis”.

A resposta apresenta-se incompleta, pelo facto de carecer da indicação de que além da valentia, outra das semelhanças que Vénus reconhece entre o povo português e o romano é a língua. Em relação à primeira semelhança, embora o aluno a tenha referido, colocou-a como um segundo motivo, não a integrando nas analogias entre os dois povos.

Vénus nutre um grande amor pelos Portugueses, pois, além de ser um povo com muitas características ^{como} o povo Romano, povo do seu filho Eneias, é um povo de guerreiros e heróis. ✓

inc. são

Documento 2 – Correção da resposta do Aluno B à segunda questão da 1.ª Atividade de Português

O aluno C (resposta considerada boa) reconhece o “afeto” pelos Portugueses como valor associado à personagem de Vénus. A fundamentação da sua escolha integrou o facto de a deusa encontrar alguns traços identitários entre o povo português e o romano, entre eles a valentia e a língua.

Esta resposta estaria completamente correta se o aluno referisse o Amor como valor relacionado à personagem citada. A última frase incluída na resposta está incorreta no que diz respeito ao que era pedido na questão.

~~Valor afetivo~~ Vénus demonstrava ⁴afeto pelos Portugueses, via nos ⁴alguns de semelhanças ao povo romano que ela amava, trata na valentia ⁴como a língua. O seu nome é Vénus, ⁴mas não a verdade. ✓

inc.

Documento 3 – Correção da resposta do Aluno C à segunda questão da 1.ª Atividade de Português

No geral, os alunos compreenderam que o valor ligado a Vénus era de teor afetivo, e por essa razão a maioria dos alunos referiu o sentimento “afeto”, ao invés do sentimento,

reconhecido como valor, o “amor”. Na verdade, não considere esta opção errada, pois os termos apresentam-se como sinónimos, sendo que o “amor” se apresenta mais vasto. Os alunos foram indicando as justificações corretas, embora na maioria das vezes só mencionassem uma delas, ou referiam a valentia dos Portugueses semelhante à dos Romanos, ou a língua portuguesa semelhante ao Latim. Alguns discentes apontaram ainda o facto de Vénus ansiar ser celebrada na Índia como um dos motivos para ela representar o valor que lhe foram associando, no entanto esta razão está incorreta, dado que se mostra contraditória em relação ao carácter afetivo do valor que lhe é relacionado. O motivo citado revela interesse da parte de Vénus, mas na realidade a deusa constitui um símbolo de “amor”, porque o seu apoio e proteção aos Portugueses se deve ao amor maternal por eles.

A segunda atividade integra como objetivo perceber qual a importância do “Consílio dos Deuses” ao nível da glorificação do herói d’*Os Lusíadas*.

Apenas oito dos quinze alunos da turma elaboraram o texto argumentativo proposto, porque os restantes alunos participaram numa Visita de Estudo a Paris.

O aluno A (resposta considerada fraca) revelou claras dificuldades no que respeita à forma, pois não utilizou a estrutura própria do texto argumentativo, assim como não fez corresponder a cada fase do texto um parágrafo (a introdução ao primeiro parágrafo, o desenvolvimento, o qual inclui dois argumentos ao segundo e terceiro parágrafo e a conclusão ao quarto e último parágrafo). O discente ultrapassou o número limite de palavras estipulado.

Em relação ao conteúdo, o discente mostrou também significativas dificuldades no desenvolvimento das ideias inerentes aos tópicos orientadores propostos no plano. Na introdução, o discente enumerou os tópicos apresentados para esta etapa, não formando uma frase coerente. O aluno desenvolve o segundo tópico, mas indevidamente porque a etapa inicial não pressupõe a explicação das ideias.

O aluno continua a composição, e apesar de utilizar parágrafos, não existe uma demarcação das etapas do texto, como referido anteriormente. Assim, no desenvolvimento, a discente menciona o tópico referente ao primeiro argumento, no

entanto a ideia está errada ao nível linguístico e do conteúdo. O aluno não alude ao exemplo ilustrativo deste argumento. O mesmo se passa relativamente ao segundo argumento, visto que a frase está linguisticamente incorreta e o conteúdo não corresponde ao pretendido. Ainda sobre este argumento, o aluno refere que “A gente lusitana como gente corajosa, lutadora, atravessava os obstáculos com muito sucesso”, o que poderia corresponder ao exemplo do segundo argumento, se se encontrasse devidamente contextualizado com a ideia anterior.

A conclusão adequa-se ao tópico proposto, embora as informações que desenvolvem a ideia sejam facultativas.

O tema que eu vou defender é o "Consílio dos Deuses". Eu pretendo mostrar a importância que o "consílio dos deuses" tinha, também a necessidade que os Deuses tinham para ^{de} se reunirem, o simbolismo do episódio e a noção de Herói coletivo conferido ao povo português.

A importância do "Consílio dos Deuses" é a decisão ^{de} em que os deuses têm que tomar. Os deuses ~~reuniram-se~~ Reuniram-se para decidir quem estava a favor e quem estava contra a viagem dos Portugueses. O simbolismo do episódio é ^{prende-se} com o objetivo de decidir o seu caminho. O nome de Herói coletivo conferido ao povo português ^{devido ao facto de os portugueses serem} ~~era~~ ^{corajoso} guerreiros ^{agirem} sempre em conjunto, lutar. O povo português ^{entra} para o "Consílio dos deuses" ~~porque~~ para que os Deuses decidissem o seu trajeto. A gente lusitana como gente corajosa, lutadora, atravessava os obstáculos com muito sucesso. Os Deuses como autores de profecias sobre as vitórias e os feitos futuros dos portugueses, ~~estes~~ podiam decidir o seu futuro (a viagem) ^{que} ~~que~~ obstáculos colocariam no seu trajeto.

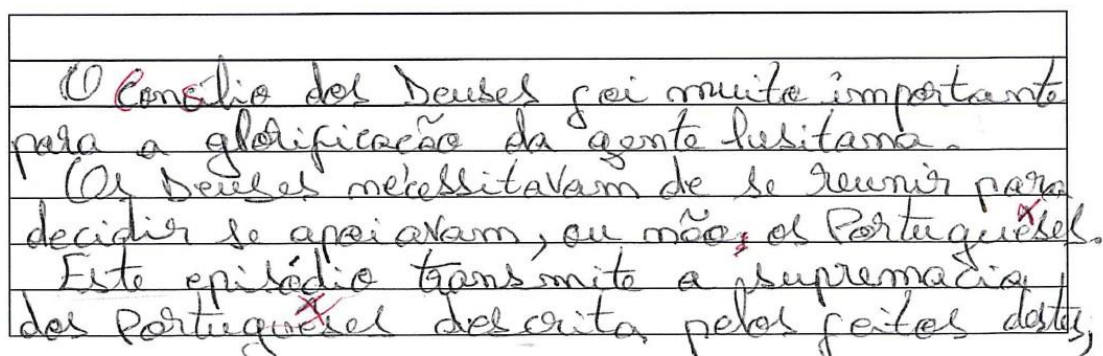
Documento 4 – Correção da resposta do Aluno A à 2.ª Atividade de Português

O aluno B (resposta considerada média) mostrou significativas dificuldades em relação à forma, porque não utilizou a estrutura correta do texto argumentativo, e não fez corresponder a cada fase do texto um parágrafo (a introdução ao primeiro parágrafo, o desenvolvimento, o qual inclui dois argumentos ao segundo e terceiro parágrafo e a conclusão ao quarto e último parágrafo). O discente também ultrapassou o número de palavras estabelecido para a elaboração do texto.

Acerca do conteúdo, o aluno mostrou algumas dificuldades em formar frases a partir dos tópicos orientadores do plano. O discente começa corretamente por referir os dois primeiros tópicos, mas posteriormente apresenta a ideia do quarto tópico como conclusão. Assim, acaba por não mencionar o terceiro tópico proposto. De seguida, o aluno desenvolve o primeiro tópico, no entanto nesta etapa do texto, esta explicação revela-se indevida.

Partindo para a reflexão dos tópicos referentes ao desenvolvimento, o aluno não separa as duas etapas. No entanto, acaba por referir o primeiro argumento apoiado na ideia anterior, não apresentando o exemplo correspondente ao tópico proposto. Seguidamente, o aluno expõe incorretamente o segundo argumento, sendo que as ideias se encontraram erradas e descontextualizadas, ou seja, o facto de mencionar que “o que desencadeou o “Consílio dos Deuses” foi os Portugueses terem ganho muitas batalhas e se sobreporem ao nível de todas as outras potências mundiais, assim, adquiriram a condição de heróis”. Tal como relativamente ao primeiro argumento, o aluno não aludiu ao exemplo ilustrativo do segundo argumento.

Mais uma vez, o discente não separa as etapas, e como conclusão apresenta categoricamente o tópico correspondente à ideia que deveria desenvolver. O mesmo remata o texto apresentando uma conceção que não se enquadra no plano, e por tal se encontra descontextualizada.



O Consílio dos Deuses foi muito importante para a glorificação da gente lusitana. Os Deuses necessitavam de se reunir para decidir se apoiavam, ou não, os Portugueses. Este episódio transmite a supremacia dos Portugueses decorrente pelos feitos desta;

daí a concessão de herói coletivo que
 lhes seja atribuída.

Com a glória que os Portugueses já tinham
 adquirida, os Deuses tiveram que decidir
 se lhes davam a oportunidade de viajar
 até à Índia pois, muitos dos interesses dos
Deuses estavam em jogo. ???

Esta glória fez com que os próprios Deuses,
 entidades superiores, realizassem profecias sobre os
 seus feitos (o que mostra que os Portugueses eram
 de facto importantes).

O que desencadeou o Conselho dos Deuses foi
 os Portugueses terem ganho muitas batalhas e
 se sobreporem ao nível de todas as outras
 potências mundiais; assim, adquiriram
 a condição de heróis.

O Conselho dos Deuses revelou-se importante na
 medida em que elevou os Portugueses ao "estatuto"
 de herói coletivo através da intervenção dos Deuses
 como protetores do seu futuro.

E assim os Deuses decidiram, não só, deixar
 a gente descobrir a viagem até à Índia como
 também os proteger durante esta viagem.
 protegi-los

Documento 5 – Correção da resposta do Aluno B à 2.ª Atividade de Português

O aluno C (resposta considerada boa) revelou algumas dificuldades relativamente à forma, pois embora tenha compreendido a estrutura do texto argumentativo, não fez corresponder cada etapa a um parágrafo (a introdução ao primeiro parágrafo, o desenvolvimento, o qual inclui dois argumentos ao segundo e terceiro parágrafo e a conclusão ao quarto e último parágrafo). O mesmo aluno não respeitou o número de palavras estipulado para a realização do texto.

No que se refere ao conteúdo, detetaram-se também algumas fragilidades. Na introdução do texto, o discente mostrou dificuldade em formar frases a partir dos tópicos orientadores propostos no plano, e assim optou por enumerá-los. Todavia, percebeu a finalidade desta fase e apresentou o tema estipulado, tendo em conta os mesmos tópicos,

ou seja, “a importância do “Consílio dos Deuses” na exaltação dos Portugueses; necessidade dos Deuses se reunirem no Olimpo; o simbolismo do episódio; noção de herói coletivo conferida ao povo português”.

No desenvolvimento, relativamente ao primeiro argumento, o aluno conseguiu formular as ideias subjacentes a este a partir dos tópicos orientadores. Deste modo, ele referiu-se à dimensão simbólica do episódio, e justificou-a mencionando a grande importância da viagem dos Portugueses à Índia, a qual despertou o interesse dos próprios deuses, que se reuniram em consílio para determinar o seu futuro. O aluno continua e dá como exemplo o facto de os deuses profetizarem sobre os feitos do povo português, assim como proposto no plano. No que diz respeito ao segundo argumento, o discente aponta a conceção de heróis atribuída aos Portugueses. De seguida, refere que “o confronto entre os deuses terminou a favor dos homens” e conclui que este facto mostra “a exaltação do povo português na superação de obstáculos”. O aluno não compreendeu como deveria apresentar o argumento e o exemplo e formulou incorretamente as ideias, que se apresentam por ordem inversa e confusas. Assim, teria de referir que a superação de obstáculos elevou o povo lusitano à condição de herói coletivo, e indicar como exemplo deste argumento, o facto de no confronto com os deuses, os Portugueses superaram-nos.

O aluno apresenta uma conclusão coerente, ao resumir os argumentos apontados anteriormente, e fundamentando-os no mérito do povo português, o qual teve como recompensa a “intervenção dos deuses como profetizadores do seu futuro”.

Pretendo demonstrar com este texto a importância do "Consílio dos Deuses" dentro da obra "Os Lusíadas", através dos seguintes tópicos: a importância do "Consílio dos Deuses" na exaltação dos Portugueses; necessidade dos Deuses se reunirem no Olimpo; o simbolismo do episódio; noção de herói coletivo conferida ao povo português.

Em primeiro lugar, o "Conselho dos Deuses" tem uma dimensão simbólica, porque a navegação dos portugueses ¹⁷⁵⁵ do caminho marítimo para a Índia - era tão importante que interessou às próprias divindades, levando-as a reunir para decidir o futuro do povo português.

Da mesma modo, sendo os Deuses seres superiores aos homens, ^{que os temem}, só o facto de se reunirem por este motivo, dá aos portugueses uma grandeza transcendente. Isto confirma-se, porque os Deuses profetizaram vitórias e grandes feitos do povo Lusitano.

Além da dimensão simbólica, o "Conselho dos Deuses" apresenta a concessão de heróis atribuída aos portugueses. O confronto entre os Deuses terminou a favor dos ^{homens}, verifica-se a exaltação ^{dos portugueses} na superação ^{de obstáculos}.

Concluindo, este episódio contribuiu para a exaltação do povo português e sua ascensão ao "estatuto" de heróis, pois foi merecedor da intervenção dos Deuses como profetizadores do seu futuro.

Documento 6 – Correção da resposta do Aluno C à 2.ª Atividade de Português

Em geral, os alunos apresentaram dificuldades quanto à forma do texto, pois não apresentaram a estrutura própria do texto argumentativo, não fizeram corresponder um parágrafo a cada etapa e ultrapassaram o número de palavras estipulado.

Apesar de revelarem conhecimento acerca do tema na realização do plano deste texto argumentativo, os discentes nem sempre conseguiram desenvolver as ideias enunciadas nos tópicos do plano. No que diz respeito às etapas deste tipo de texto, os alunos mostraram não perceber em absoluto o objetivo de cada uma, ou seja, a exposição do tema na introdução; a indicação e justificação dos argumentos e a apresentação de exemplos no desenvolvimento; e o resumo dos argumentos desenvolvidos anteriormente na conclusão. No entanto, estas fragilidades devem-se ao facto de esta atividade corresponder à primeira experiência dos alunos na realização de um texto argumentativo. Assim, as dificuldades serão superadas com a prática deste tipo de texto.

A terceira e última atividade contemplava a indicação de duas semelhanças entre o poema “Sísifo”, de Miguel Torga e o mito que está na sua base. A resposta esperada incluía a referência à temática do “recomeço”, comum a ambos, e a alusão à “rebeldia” que caracteriza, no caso do poema, o Homem, e no mito, o próprio Sísifo.

Dos quinze alunos que formam a turma, treze realizaram esta tarefa, sendo que dois dos alunos faltaram à aula.

O aluno A (resposta considerada fraca) começa por enunciar a apresentação das duas semelhanças entre o poema e o mito, embora de seguida não as indique.

Seguidamente, resume o mito de Sísifo, referindo-se ao castigo que a personagem recebe de Júpiter, empurrar uma pedra até ao cimo de uma colina. No entanto, a mesma pedra acaba por rolar rumo à base, e assim, Sísifo teve de repetir o processo para sempre. De forma implícita, a aluno categoriza esta semelhança o “recomeço”. Depois, segue indicando que Sísifo tem de cumprir o castigo “sem angústia e sem pressa”. Contudo, esta passagem corresponde a um verso do poema de Miguel Torga, e como tal trata-se de um conselho que o sujeito poético dirige ao “tu” poético. Assim, a discente não justifica a presença da semelhança implicitamente indicada no poema. O texto prossegue, e a aluna continua a fazer associações erradas. Neste caso, volta ao mito e incorretamente refere que Sísifo conseguiu escapar de outro das punições a que foi submetido, ir para o mundo subterrâneo, porque não desistiu de o fazer.

No que respeita à segunda semelhança entre o poema e o mito, o aluno não a indica, nem aponta quaisquer informações sobre a mesma.

As semelhanças que se pode encontrar entre
os dois ^{são} e que Sísifo recebe um castigo,
~~que~~ tem ^{ter} de empurrar uma pedra por
cima da colina, e quando chega lá ao
cimo, ela desce, e ele tinha de o ^{mito}
fazer eternamente. Mas ele tem de ^{ine-}
o fazer “sem angústia e sem pressa”
?? tal como tinha sido condenada a
uma punição ^{porque} eterna no Reino dos
mortos, ~~conseguiu~~ ~~escapar,~~
enquanto não ~~alcançou~~ ~~o~~ não desistiu.

O aluno B (resposta considerada média) apresenta como primeira semelhança entre o poema e o mito a “rebeldia” e a “loucura”, respetivamente, pressupondo-se que as apresenta como sinónimos. No caso do mito, menciona o facto de Sísifo ter enganado “Asopo”, contudo houve uma confusão por parte do aluno relativamente à personagem que foi alvo da traição de Sísifo, ou seja, o deus Plutão. Apesar da incongruência, o discente revelou compreender que as atitudes insensatas de Sísifo derivavam da sua “rebeldia”. Relativamente ao poema, o discente aponta: “o “eu” lírico aconselha-o a pensar antes de agir”. De facto, é exposta a ideia principal, mas o aluno deveria completá-la, indicando que o conselho do sujeito poético se deve a este querer que o “tu” poético se previna, sendo lúcido, antes de cometer ações que podem trazer sérias consequências.

O aluno indica a “determinação” como segunda semelhança entre o poema e o mito. Resumidamente, ele menciona que esta semelhança está relacionado com o lema “continuar, sem desistir de alcançar o (seu) objetivo”, que pode ser associado ao poema, porque constitui um dos conselhos do sujeito poético para o “tu” poético, e ao mito, já que Sísifo nunca desistiu de transportar a pedra.

As duas semelhanças que encontrei são as seguintes:
a rebeldia e a loucura de Sísifo, no mito, em tentar e conseguir ludibriar o deusa-río, Asopo, e no poema o “eu” lírico aconselha-o a pensar antes de agir; e a determinação de continuar, sem desistir, em alcançar o seu objetivo.

Documento 8 – Correção da resposta do Aluno B à 3.ª Atividade de Português

O aluno C enuncia a apresentação de semelhanças entre o poema e o mito, todavia em relação à indicação da primeira, acaba por se referir somente ao mito. Assim, o

discente menciona que Sísifo estava condenado a empurrar uma pedra, e visto que esta rolava de cada vez que a levava ao topo de uma colina, ele “recomeça”, uma e outra vez”.

Em relação à segunda semelhança, o aluno faz o paralelo entre o poema e o mito. Ele aponta que Sísifo sofreu consequências advindas das suas ações. No caso do poema, o discente caracteriza o “eu” poético como “rebelde”, e refere ainda que o mesmo é provido de loucura. Sobre este aspeto, o aluno deveria ter concluído que a presença de loucura justifica o facto de o “tu” poético ser rebelde, sendo que houve uma confusão acerca da entidade que detinha esta característica. O sujeito poético acusa o “tu” de ser “rebelde”, culpa da “loucura” própria do Homem. O discente segue referindo que Sísifo além de “loucura” possuía também “lucidez” “para prevenir possíveis consequências das suas ações”. No entanto, o aluno não compreendeu que a “lucidez” não constitui uma característica inerente ao “tu” poético. No poema, o “eu” poético aconselha o “tu” a manter a lucidez, de modo a acautelar as consequências dos seus atos rebeldes.

Salienta-se ainda que o aluno não categorizou as duas semelhanças indicadas, podendo pressupor-se que a primeira se refere ao recomeço e a segunda à dualidade loucura/lucidez.

O poema e o mito que está na sua base assemelham-se no facto de ^{??} “eu” ^{Sísifo} poético ^{estar} condenado a empurrar uma pedra até ao cimo de uma colina para todo o sempre, “Recomeça”, uma e outra vez, pois quando a pedra chegava ao topo, imediatamente rolava para trás até à base.

~~o~~ ~~poema~~ ~~e~~ ~~o~~ ~~mito~~ ~~que~~ ~~está~~ ~~na~~ ~~sua~~ ~~base~~ ~~assemelham-se~~ ~~no~~ ~~facto~~ ~~de~~ ~~“eu”~~ ~~poético~~ ~~estar~~ ~~condenado~~ ~~a~~ ~~empurrar~~ ~~uma~~ ~~pedra~~ ~~até~~ ~~ao~~ ~~cimo~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~colina~~ ~~para~~ ~~todo~~ ~~o~~ ~~sempre~~, ~~“Recomeça”~~, ~~uma~~ ~~e~~ ~~outra~~ ~~vez~~, ~~pois~~ ~~quando~~ ~~a~~ ~~pedra~~ ~~chegava~~ ~~ao~~ ~~topo~~, ~~imediatamente~~ ~~rolava~~ ~~para~~ ~~trás~~ ~~até~~ ~~à~~ ~~base~~.

~~o~~ ~~poema~~ ~~e~~ ~~o~~ ~~mito~~ ~~que~~ ~~está~~ ~~na~~ ~~sua~~ ~~base~~ ~~assemelham-se~~ ~~no~~ ~~facto~~ ~~de~~ ~~“eu”~~ ~~poético~~ ~~estar~~ ~~condenado~~ ~~a~~ ~~empurrar~~ ~~uma~~ ~~pedra~~ ~~até~~ ~~ao~~ ~~cimo~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~colina~~ ~~para~~ ~~todo~~ ~~o~~ ~~sempre~~, ~~“Recomeça”~~, ~~uma~~ ~~e~~ ~~outra~~ ~~vez~~, ~~pois~~ ~~quando~~ ~~a~~ ~~pedra~~ ~~chegava~~ ~~ao~~ ~~topo~~, ~~imediatamente~~ ~~rolava~~ ~~para~~ ~~trás~~ ~~até~~ ~~à~~ ~~base~~.

Sísifo ^{sofreu} teve consequências pelas suas ações; o sujeito poético é Rebelde e tem loucura, embora também tenha lucidez para prevenir possíveis consequências das suas ações.

Na generalidade, os alunos mostraram bastante interessados na temática abordada, embora tenham rebelado dificuldades na realização desta atividade.

A maioria dos alunos da turma, não compreendeu que a “voz” do poema pertence ao sujeito poético. Dado que o mito está na base do poema, os discentes identificaram o “eu” poético como o próprio Sísifo, e por tal, estenderam as ações da personagem mitológica à do “eu” lírico.

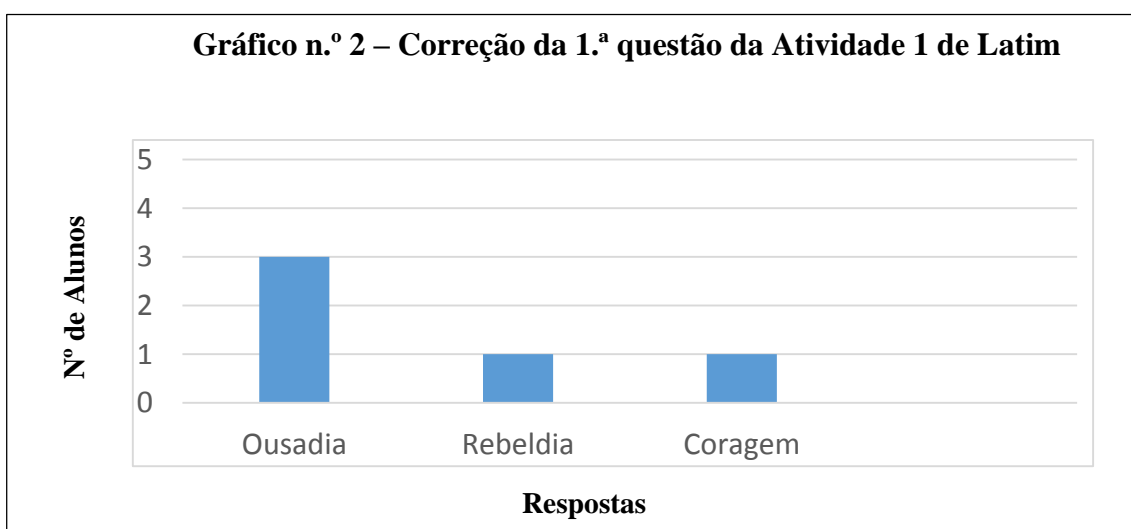
No que se refere as semelhanças encontradas entre o poema e o mito, os alunos apresentaram as esperadas, apesar de nem sempre indicarem as justificações corretas e de forma completa.

2.4.1.2. Análise das atividades de Latim

A primeira atividade encerrava dois objetivos: identificar o valor que traduz a atitude de Ícaro e compreender o posicionamento do Velho do Restelo face ao comportamento de Ícaro.

Dos sete alunos que fazem parte da turma, somente cinco realizaram esta atividade, já que os restantes não compareceram à aula.

Como conclusões, apresentadas no gráfico abaixo, destaca-se que, de entre as cinco respostas analisadas, verificou-se que três dos alunos reconheceram que a atitude de Ícaro revela Ousadia. Os dois restantes alunos identificaram na sua atitude Rebeldia e Coragem. Os primeiros alunos referidos selecionaram a opção correta.



No que se refere às restantes opções apresentadas pelos sobranes alunos aponto como justificação a forma como cada um se relacionou com o mito estudado. Assim, o aluno que associou a atitude de Ícaro a “Rebeldia” consideraram que este tinha agido como forma de se amotinar e colocar à prova a autoridade do pai. Já o discente que seleccionou a opção “Coragem” considerou o ato de desobediência ao pai e conseqüentemente o querer voar mais alto uma ação corajosa, já que a personagem não mostrou medo. Finalmente, os alunos que mencionaram a alternativa correta centraram-se no facto de Ícaro tencionar mostrar a Dédalo que é capaz de se superar, e assim voar até tocar o Sol.

Para a elaboração da segunda pergunta, os discentes deveriam referir-se a quatro tópicos: a concordância ou não concordância do Velho relativamente à atitude de Ícaro, a discordância do Velho citada nas estâncias d’*Os Lusíadas* (analisadas antes da realização do exercício), a menção à sensatez que definia a personagem d’*Os Lusíadas* e ainda a ousadia que caracterizava a atitude de Ícaro.

Após a análise das respostas dos discentes, constatou-se que todos os alunos que elaboraram a atividade responderam que “o Velho não concordaria com a atitude de Ícaro”. Contudo apenas dois alunos se referiram ao facto de esta discordância ser citada nas estâncias analisadas (particularmente na estância 104 do episódio). A maioria dos discentes fundamentou a sua resposta referindo que “o Velho era uma pessoa sensata” e auxiliando-se na questão anterior, mencionou que a personagem consideraria o comportamento de Ícaro como “ousado e rebelde”.

O aluno A começou por referir-se à não concordância do Velho relativamente à atitude de Ícaro. Para justificar esta posição, indicou que a personagem d’*Os Lusíadas* mostra o seu descontentamento face a esta atitude nas estâncias do episódio, sem contudo especificar qual a estância. Acrescentou ainda que o Velho considera a atitude de Ícaro “irresponsável e ousada.”

Assim, embora destacando os traços caracterizadores do comportamento de Ícaro, o aluno não completou a resposta, sendo que assinalou a característica central do Velho, a sensatez, em oposição à insensatez da personagem mitológica.

~~Na minha opinião, esta personagem não concordaria com a atitude de Ícaro, porque, tal como refere nas estâncias mostra-se descontente, e faz ligação com o mito de Ícaro, sendo que a atitude deste é considerada irresponsável e ousada.~~ → quis?

Documento 10 – Correção da resposta do Aluno A à segunda questão da 1.ª Atividade de Latim

O aluno B mencionou inicialmente a inconformidade do Velho no que se refere à atitude de Ícaro. Como argumentos para fundamentar este posicionamento, o aluno referiu que a personagem camoniana considerava a atitude mencionada um “ato de vaidade e fama”.

A sua resposta revelou-se incompleta, pois a mesma não adicionou o facto de a não concordância do Velho se revelar no seu descontentamento expresso na estância 104 do episódio. O aluno também não acrescentou à sua resposta a alusão à sensatez do Velho e, pelo contrário, referiu a ousadia de Ícaro.

Na minha opinião, o velho do Restelo não concordaria com a atitude de Ícaro, porque acharia que era um ato de vaidade, fama.

Documento 11 – Correção da resposta do Aluno B à segunda questão da 1.ª Atividade de Latim

O aluno C começou, tal como os anteriores, por se referir ao facto de o Velho discordar da atitude de Ícaro. De forma a justificar esta posição, o discente indicou que a personagem d’*Os Lusíadas* “era uma pessoa sensata”, e adicionou ainda que ele se oporia porque “pensa sempre nas consequências das suas ações”.

Embora tenha apresentado um excelente motivo sustentador da posição do Velho, o aluno não indicou todos os elementos necessários a uma resposta completa. Neste sentido, o discente não referiu que a discordância da personagem camoniana encontrava expressa na estância 104 do episódio, e não salientou a característica que regeu o comportamento de Ícaro, ou seja, a sua ousadia.

Não, o Velho não concordaria com as atitudes de Ícaro, ^{concordaria} porque ele era sensato e ^{pensava} sempre nas consequências das ações.

Documento 12 – Correção da resposta do Aluno C à segunda questão da 1.ª Atividade de Latim

O aluno D iniciou a sua resposta indicando que o Velho não concordaria com o comportamento de Ícaro. De seguida, e como razões para este posicionamento, apresentou o facto de a personagem d’*Os Lusíadas* se revelar uma pessoa sensata. Sobre este tópico, acrescentou que “da mesma maneira que que não concordou com a atitude de Prometeu, ia achar que Ícaro teve uma atitude parecida ...”. O discente adicionou ainda que o Velho consideraria a atitude da personagem mitológica “ousada e rebelde”.

O aluno apresentou uma resposta bastante completa, à qual deveria ter apenas acrescentado a referência à estância d’*Os Lusíadas* onde o Velho se mostra descontente com a atitude de Ícaro.

Eu acho que o Velho não ia concordar com a atitude de Ícaro, pois ^o ^é ^{uma} ^{razão} ^{para} ^{isso} ^é ^{de} ^{mesma} ^{maneira} ^{que} ^{não} ^{concordou} ^{com} ^a ^{atitude} ^{de} ^{Prometeu}, ^{ia} ^{achar} ^{que} ^{Ícaro} ^{teve} ^{uma} ^{atitude} ^{parecida}, ^{porque} ^{considera} ^{ambos} ^{desobedecerem} ^{ao} ^{pai}. ^O ^{Velho} ^{ia} ^{achar} ^{que} ^{ambos} ^{tiveram} ^{uma} ^{atitude} ^{ousada} ^(e) ^{rebelde} ^e ^{provavelmente}, ^{na} ^{minha} ^{opinião}, ^{um} ^{pouco} ^{desobediente} ^{cosojoso}.

Documento 13 – Correção da resposta do Aluno D à segunda questão da 1.ª Atividade de Latim

O aluno E começou, como os restantes, por indicar que o Velho discordaria da atitude de Ícaro. Os argumentos que apresentou para justificar a posição da personagem

camoniana foram o facto de este ser uma pessoa sensata e de considerar “tal atitude um ato de ousadia e rebeldia”.

A resposta do discente revelou-se incompleta, pelo facto de não ter aludido à estância que mostra a discordância do Velho face ao comportamento de Ícaro.

Não. A meu ver, o Velho não concordava com a atitude de Ícaro, pois ele era sensato e consideraria tal atitude ^{um} ato de ousadia e rebeldia.

Documento 14 – Correção da resposta do Aluno E à segunda questão da 1.ª Atividade de Latim

O sucesso desta atividade deveu-se no meu entender a duas razões principais. Em primeiro lugar o facto de os alunos terem apreciado a história do mito, situação motivada pela exposição da mesma. Depois, destaca-se o facto de cada aluno se ter revisto na figura de Ícaro. Todos revelaram alguma admiração pela personagem e se identificaram com ela, alguns através de situações nas quais exerceram um ato de ousadia, outros porque anseiam ainda exprimir esse valor inibido pela timidez.

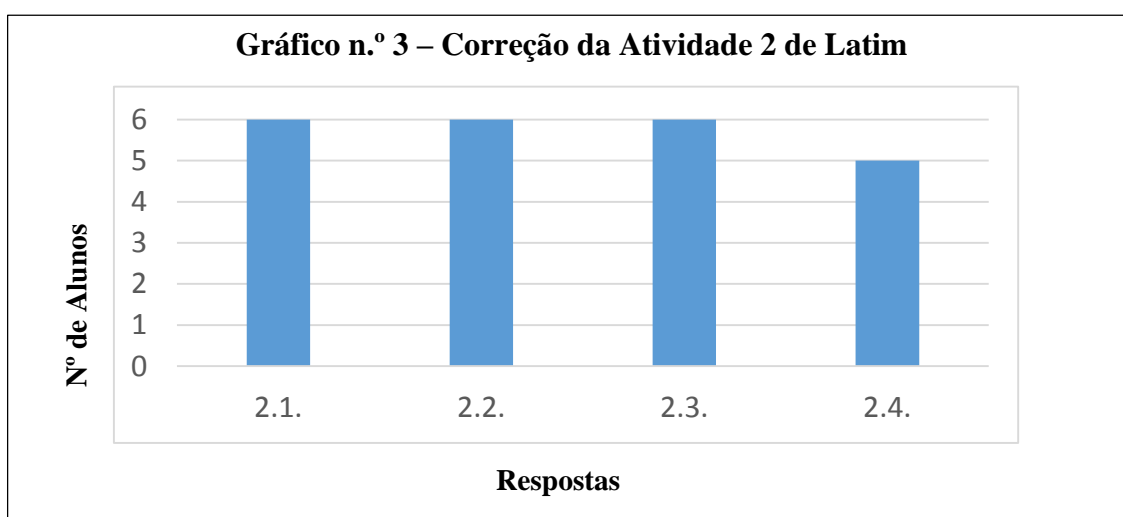
Tendo em conta o objetivo do presente relatório considero que este foi atingido através da referida tarefa. No que se refere à primeira questão, a identificação do valor que se relacionava à atitude de Ícaro só foi possível graças ao estudo do mito a que o feito desta personagem deu origem. No que se refere a interpretação das estâncias referidas do episódio “O Velho do Restelo”, esta carecia de uma bagagem consistente no que diz respeito a conhecimentos de Mitologia.

A segunda atividade envolvia um objetivo geral, ou seja, compreender o poema “O Narciso”, de Miguel Torga. De forma mais específica integrava ainda objetivos como associar a figura de Narciso a cada homem, identificar a relação do ato de autocontemplação no espelho com a busca incessável do homem pela verdade, indicar a

referência ao «ribeiro» como metáfora da própria vida e estabelecer a ligação entre a eterna procura da verdade por parte da personagem mitológica e do Homem.

Dos sete alunos que fazem parte da turma, seis realizaram a atividade proposta. Um dos alunos não compareceu à aula.

A maioria dos alunos respondeu de forma correta às quatro alíneas que compunham a questão, como mostra o gráfico abaixo. No entanto, um dos alunos assinalou a opção errada na última alínea. De forma geral, constata-se que os discentes compreenderam o sentido global do poema. Eles conseguiram perceber que no poema, a figura de Narciso se estende a toda a Humanidade, e assim o mito serve de base a uma reflexão sobre a busca constante do Homem pela verdade que não alcança e jamais conhecerá.



O êxito desta atividade prendeu-se com três razões principais, das quais duas correspondem às assinaladas para o sucesso da tarefa anterior. De facto, os discentes foram surpreendidos pelo mito analisado, pois este permitiu-lhes saciar algumas das suas curiosidades no que se refere a alguns acontecimentos do quotidiano, como é o caso da explicação do nome “Eco”, tendo em conta a história da personagem. A figura de Narciso revelou-se um caso interessante, graças à sua personalidade peculiar, aquele que repele todos os pretendentes e acaba por se apaixonar pelo seu próprio reflexo. Por último, destaca-se a facilidade com que a turma em geral apreendeu os sentidos do poema “O Narciso” e conseguiu alcançar as conclusões esperadas.

Relativamente ao objetivo previamente proposto para este relatório, esta atividade permitiu a sua concretização. A relação que se esperava que os discentes estabelecessem entre o mito estudado e a sua manifestação na Literatura Portuguesa na forma de poema efetivou-se devido a um prévio estudo do Mito de Eco e Narciso.

A última tarefa compreendia dois objetivos: indicar o motivo da referência aos “trabalhos de Hércules” e ainda explicar o caráter da comparação entre Hércules e Marco, o protagonista do conto. Os tópicos para uma resposta completa a esta questão correspondem aos objetivos enunciados.

Dos sete alunos que compunham a turma, apenas cinco realizaram esta atividade, uma vez que os restantes faltaram à aula.

Salienta-se que nenhum dos alunos referiu a razão da referência aos “trabalhos de Hércules”, ou seja, o facto de o protagonista do conto, tal como Hércules, ter uma missão a cumprir. Contudo, todos indicaram que a comparação que Marco faz entre si próprio e Hércules possui um teor irónico, e explicaram que a ironia se deve à desproporção entre a missão de Marco, pedir que um homem que devia dinheiro ao seu pai saldasse a dívida, e os doze trabalhos de que Hércules foi incumbido pelo rei Euristeu, desde capturar o Leão de Nemeia a trazer ao rei o cão de sete cabeças, Cérbero.

O aluno A referiu que Marco não se podia equiparar a Hércules, pois este era um semideus e a exigência dos trabalhos superavam a missão de Marco. Por fim, concluiu que pelas razões acima, a comparação entre as duas personagens era de teor irónico.

O narrador do conto "Quatrocentos mil sestércios", Marco não se pode comparar com Hércules, pois ele não tem a força de Hércules. (nis)
Uma vez que

^{este}
(Hércules) era um semideus (^{a sua missão} não se comparava
aos trabalhos dele), logo era uma comparação
irônica.

Documento 15 – Correção da resposta do Aluno A à 3.ª Atividade de Latim

O aluno B apontou que a associação entre Marco e Hércules se caracteriza como irônica, uma vez que existe uma “desproporção das forças” entre ambos.

Esta resposta carece da explicação da referência aos “trabalhos de Hércules” e ainda da indicação da desigualdade entre as missões das duas personagens.

O narrador refere os “trabalhos de Hércules”, comparando-se com ele
~~Hércules~~ ~~Marco~~ irônica, pois a “desproporção das
forças” é tão grande que Marco ^{não} nem pode ser comparado
com ele.

Documento 16 – Correção da resposta do Aluno B à 3.ª Atividade de Latim

O aluno C afirmou que o protagonista do conto estava ciente de que a sua missão e a sua força não se comparavam às de Hércules, porque este era um semideus, e ele um simples mortal.

Esta resposta carecia da indicação ao caráter irônico da referência de Marco aos “trabalhos de Hércules”, de modo a estar completa.

Marco sabia que o seu trabalho e a sua força, não se ^{comparações} compara com os trabalhos e a força de Hércules, pois Hércules é um ^{semi-deus} Deus e Marco ^{um} (é) ser humano comum.

Documento 17 – Correção da resposta do Aluno C à 3.ª Atividade de Latim

O aluno D mencionou a existência de uma comparação irónica entre Marco e Hércules. Como explicação, apresentou o facto de o esforço do protagonista do conto ser mínimo relativamente ao de Hércules, que arriscou a vida executar os seus trabalhos.

A resposta do aluno revela-se incompleta, pois não aludiu à disparidade entre as missões de cada personagem.

É ^{um} uma espécie de comparação irónica, porque Marco não se esforça ^{pois este} que e não comparado com Hércules, ~~que~~ ^{que} arriscou a sua própria

vida, para poder concretizar a sua missão.

Documento 18 – Correção da resposta do Aluno D à 3.ª Atividade de Latim

O aluno E destaca a ironia do protagonista, quando se compara a Hércules. Ele refere que Marco “tem consciência da desproporção das forças” entre ele e a figura mitológica, bem como da dissemelhança entre os seus trabalhos.

O ~~Marco~~ narrador foi um quento irónico. Após ter
consciência da "desproporção das forças" entre eles e
os seus trabalhos. ^{disparidade}
entre

Documento 19 – Correção da resposta do Aluno E à 3.ª Atividade de Latim

Inicialmente, importa referir que o conteúdo desta atividade agradou aos alunos, que mostraram entusiasmo durante a leção do tema. Contudo, revelaram algumas dificuldades na elaboração da tarefa. Em primeiro lugar, alguns discentes não conseguiram identificar “Marco” como o narrador do conto. Depois, todas as respostas se apresentaram incompletas, pois ou não indicavam o carácter irónico da referência de Marco aos “trabalhos de Hércules”, ou não apresentavam as razões desta alusão.

2.4.2. Análise dos inquéritos finais

O preenchimento do inquérito, em cada uma das turmas, ocorreu após a realização das três atividades, no final do 3.º período letivo. Em seguida, apresentam-se as inferências que resultam do exame dos mesmos.

2.4.2.1. Análise do inquérito final de Português (doc. 12, p. LXXI)

A análise dos quinze inquéritos permitiu concluir que seis dos alunos da turma consideram que a atividade “A importância do “Consílio dos Deuses” na glorificação d’*Os Lusíadas*” foi aquela em que a explicação prévia das referências ligadas à Mitologia contribuiu de forma mais significativa para a sua realização, cinco escolheram a atividade “A personagem de Vénus e Baco – os valores associados a cada uma.”, e quatro alunos selecionaram a atividade “O Mito de Sísifo e o Poema “Sísifo” de Miguel Torga – as semelhanças”. Acerca da tipologia utilizada para a execução das tarefas, doze dos alunos julgam que esta foi “interessante”, dois alunos consideram-na “difícil” e apenas um a caracterizou como “adequada”. No que se refere ao contributo das atividades desenvolvidas para a compreensão de cada texto ao qual estavam subordinadas, nove dos alunos da turma reconhecem-nas como “importantes” e seis consideram-nas “muito importantes”. Para a justificação desta pergunta, as respostas resumem-se ao facto de as atividades permitirem “entender mais facilmente os textos que analisámos”, “perceber as referências sobre a mitologia que se encontravam nos textos, e assim, conseguir interpretá-los de forma mais completa” e “desenvolver a nossa cultura geral através dos conhecimentos que adquirimos sobre mitologia”. Quanto às estratégias usadas para a realização de cada tarefa, dez alunos julgam-nas “convenientes” e cinco “complexas”. Por fim, questionados sobre a importância destas atividades para o desenvolvimento das competências nos domínios da leitura e da escrita, todos os alunos indicaram que as mesmas auxiliaram “muito” a sua competência nos domínios referidos.

Em suma, verifiquei que o objetivo deste relatório foi significativamente atingido. Os alunos declararam que as atividades desenvolvidas contribuíram para a compreensão dos textos aos quais estavam subordinadas, assim como indicaram que elas permitiram a aquisição de conhecimentos suplementares.

2.4.2.2. Análise do inquérito final de Latim (doc. 13, p. LXXIV)

Os cinco alunos da turma preencheram este inquérito, e as suas respostas possibilitaram verificar que três dos discentes escolheram a atividade “O Mito de Narciso – a reflexão sobre o Homem segundo o poema “O Narciso” de Miguel Torga” e dois a tarefa “Os Doze Trabalhos de Hércules – a comparação com o protagonista do conto “Quatrocentos Mil Sestércios” como aquela em que a explicação prévia do mito contribuiu de forma mais significativa para a sua realização. Relativamente à tipologia usada para a execução das atividades, três alunos consideram-na “interessante” e dois julgam-na “adequada”. Sobre a colaboração das atividades para a compreensão da receção de mito na Literatura Portuguesa, quatro dos alunos consideram que estas foram “importantes”, e apenas um aluno as considera “muito importantes”. De modo a justificar a sua opção, os alunos referem que as atividades “tornaram mais fácil a compreensão por terem uma linguagem diferente” e “além de permitirem que percebêssemos a manifestação de cada mito na Literatura Portuguesa, adquirimos conhecimentos para outras interpretações”. Acerca das estratégias utilizadas na realização de cada atividade, quatro alunos caracterizam-nas como “convenientes”, e um aluno julga-as “complexas”. Finalmente, no que diz respeito ao benefício advindo destas atividades ao nível dos domínios da leitura e da escrita, os cinco alunos indicaram que elas contribuiriam “muito” para o desenvolvimento dos domínios citados.

Concluindo, através das respostas dos alunos constatei que o objetivo previamente estabelecido foi alcançado. Os discentes reconheceram a vantagem do estudo dos mitos tanto na interpretação textual, como na obtenção de conhecimentos a utilizar na análise de outros textos.

3. Limitações e Propostas de Remediação

Neste ponto apresento as limitações mais significativas dos alunos na realização de cada atividade e formas para remediá-las no futuro.

Português		
Atividade	Limitações dos alunos	Propostas de Remediação
A importância do “Consílio dos Deuses” na glorificação do herói d’ <i>Os Lusíadas</i>	Dificuldades em formular ideias relativas aos tópicos incluídos no plano do texto argumentativo.	Ampliar a explicação sobre o conteúdo através da apresentação e/ou realização de um texto modelo.
O Mito de Sísifo e o Poema “Sísifo” de Miguel Torga – as semelhanças	Dúvidas acerca da distinção da “voz” do sujeito poético e da figura representada no poema.	Complementar os esclarecimentos relativos a este tópico com uma Ficha de Revisões sobre o texto poético.
Latim		
Atividade	Limitações dos alunos	Proposta de Remediação
Os Doze Trabalhos de Hércules – a comparação com o protagonista do conto “Quatrocentos mil sestércios” de Mário de Carvalho	Dificuldades em identificar o narrador do conto.	Complementar os esclarecimentos com informações acerca de aspetos da narratologia.

Quadro n.º 3 – Limitações e Propostas de Remediação

4. Conclusão

Após a análise das atividades desenvolvidas com vista à aplicação do tema deste relatório, torna-se necessário apresentar as conclusões resultantes.

Na disciplina de Português, verifica-se que as referências mitológicas se mostraram imprescindíveis na interpretação do texto e permitiram estender a compreensão para a realização das atividades propostas. Segundo as palavras dos próprios alunos, os conhecimentos relacionados com a Mitologia possibilitaram-lhes perceber o texto, bem como percebê-lo de forma mais completa.

Em relação à disciplina de Latim, os mitos constituíram veículos extremamente eficazes para a compreensão das suas manifestações em língua portuguesa. Os alunos declararam que a linguagem e a forma como os mitos foram apresentados contribuíram para que mais facilmente elaborassem cada atividade.

A Mitologia revelou-se, fazendo uso da terminologia da Química que o define como uma substância que acelera a velocidade de uma reação, sem ser consumida, um adequado catalisador para a realização das atividades propostas. As personagens mitológicas, assim como as atitudes que tomam, permitem uma reflexão acerca do caráter axiológico associado a elas. Quanto à receção dos mitos na Literatura Portuguesa, o seu carácter didático possibilita um mais célere e proveitoso entendimento das manifestações instigadas por eles.

As referências mitológicas contribuíram de facto para uma interpretação ao nível das temáticas de ambas as disciplinas, mas também para uma ampliação da cultura geral de cada aluno.

De um modo geral, ficou a percepção de que a dificuldade na interpretação dos mitos é interface da dificuldade de compreensão textual, que se manifesta na leitura que os alunos fazem em contexto escolar.

As atividades desenvolvidas são consideradas válidas para uma posterior aplicação, servindo o mesmo objetivo.

Bibliografia

AMOR, Emília (1999), *Didáctica do Português*, Lisboa, Texto Editores.

AA.VV. (2006) *Mitologia: Mitos e Lendas de Todo o Mundo*, Lisma Ediciones.

AZEREDO, Maria Olga, LOPES, Maria do Carmo Azeredo, PINTO, Maria Isabel Freitas M. (2013), *Da Comunicação à Expressão - Gramática Prática de Português*, 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Raiz Editora, Lisboa.

BERNARDES, José Augusto Cardoso (1999), “Os Lusíadas e a pedagogia dos valores” in *I Jornadas Científico-Pedagógicas de Português*, Coimbra, Almedina/ILLP.

BUESCU, Helena, C., MORAIS, José, ROCHA, Maria Regina, MAGALHÃES, Violante, F. (2012), *Metas Curriculares de Português – 1º, 2º e 3º Ciclos*, Lisboa.

BURKERT, Waltert (trad. Maria Helena da Rocha Pereira) (1991) *Mito e mitologia*, Lisboa, Edições 70.

CAMÕES, Luís Vaz de (1996), *Os Lusíadas*, 4ª Edição, Lisboa, Editora Ulisseia.

CARDONA, Francesc L. (1996), *Mitología Griega*, Edicomunicación, Espanha.

CARVALHO, Mário de (1991), *Quatrocentos mil sestércios seguido de O conde janno*. Lisboa: Caminho.

D’ABREU, Maria Manuel Pimentel (1993), “Os Clássicos na sala de aula”, in *As Línguas Clássicas – Investigação e Ensino – Actas*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 231.

FIGUEIREDO, José Nunes de (2003), *Compêndio de Gramática Latina*, Porto Editora.

GIASSON, Jocelyne (2000), *A compreensão na leitura*, Porto, Edições Asa.

GRIMAL, Pierre (trad. Victor Jabouille) (1992), *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2ª Edição, Lisboa, DIFEL.

JABOUILLE, Victor (1994), *Iniciação à ciência dos mitos*, Mem Martins, Inquérito.

JABOUILLE, Victor (1993), “Mito e Literatura: Algumas considerações acerca da permanência da mitologia clássica na literatura ocidental”, in *Mito e Literatura*.

KIRK, G.S. (1971), *Myth: its meaning and functions in ancient and other cultures*, Cambridge, Cambridge University Press.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1977), “The structural study of myth”, in *Structural Anthropology*, Harmonds-worth, Penguin.

MARTINS, Isaltina (coord.) et al. (2001), *Programa de Latim A 10.º ou 11.º anos*. Curso Científico Humanístico de Línguas e Literaturas. Ministério da Educação.

MARTINS, Isaltina; FREIRE, Maria Teresa (2014), *Nova Itinera – 10º Ano*, Edições Asa.

MELLO, Cristina (2014), “Saberes, competências e valores” in *Actas del VII Congreso Internacional de la Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura*, Vol. 1.

MELLO, Cristina (2000), “Leitura literária na escola e valores. Inovar a tradição” in *Puertas a la lectura*, Nº 3.

PAIS, Amélia Pinto (2011), *Os Lusíadas – Edição Escolar*, Porto, Areal Editores.

PEREIRA, Luísa Álvares, BARBEIRO, Luís Filipe. (2007), *O Ensino da Escrita – Dimensão Textual*, Ministério da Educação Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha (2014), “Enigmas em volta do mito” in *Estudos sobre a Grécia Antiga: artigos*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

PINTO, Elisa, Costa; BAPTISTA, Vera Saraiva (2012), *Novo Plural 9*, Lisboa, Raiz Editora.

REIS, Carlos (2008), *O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários*, Almedina.

REIS, Carlos (coord.) et al. (2009), *Programa de Português do Ensino Básico*, Lisboa.

SENA, Jorge de (1980), *A Estrutura d'Os Lusíadas e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI*, Lisboa, Edições 70.

SOARES, João S. (1991), *Latim I – Iniciação ao Latim e à Civilização Romana*, Coimbra Almedina.

SOLÉ, Isabel (1998), *Estratégias de leitura*, Porto Alegre, Artes Médicas.

TORGA, Miguel (1974), *O Cântico do Homem*, Coimbra, 1974.

TORGA, Miguel (2011), *Diário – Vols. XIII a XVI*, Lisboa, Dom Quixote.

VELOSO, Aida Maria Lima Medeiros Marques (1975-1976), “O mito de Narciso na Poesia Portuguesa Contemporânea”, in *Humanitas* 27-28, Coimbra, 167-190.

Webgrafia

Agrupamento de Escolas Figueira Mar. Disponível em <http://www.aefigueiramar.pt/> [consultado em 15-10-2014].

Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Disponível em https://www.ordemdospsicologos.pt/pt/cod_deontologico. [consultado em 13-07-2015]

Introdução à Cultura e Línguas Clássicas. Disponível em <http://dge.mec.pt/introducao-cultura-e-linguas-classicas> [consultado em 23-06-2015].

Plano Anual Geral de Formação 2014-2015. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/estagios_saidas_profissionais/2_ciclos_ensino/conselho_formacao_professores/docs/plano_formacao_portugues_13_14.pdf [consultado em 25-07-2015].

Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Figueira Mar para o Quadriénio 2013/2017. Disponível em <http://www.aefigueiramar.pt/siteag/images/PDF/ProjetoEducativo27junho2014.pdf> [consultado em 20-10-2014].

Projeto Internacional *Ludi Conimbrigenses*. Disponível em <http://cechfluc.wix.com/ludiconimbrigenses> [consultado em 30-06-2015]

Imagens:

https://www.google.pt/search?q=mito+de+narciso&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMImNyQ2YD6yAIVyTkaCh1JowAA#imgsrc=z9Fr5p3Leb5BQM%3A (link referente à imagem da capa)

https://www.google.pt/search?q=baco&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMIxcXz0YH6yAIVQzsaCh0agQx6#imgsrc=NueXOHhIM9brQM%3A (link referente à imagem de Baco, incluída na Ficha de Trabalho 1 de Português)

https://www.google.pt/search?q=baco&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMIxcXz0YH6yAIVQzsaCh0agQx6#imgrc=NueXOHhIM9brQM%3A (link referente à imagem de Vénus, incluída na Ficha de Trabalho 1 de Português)

https://www.google.pt/search?q=labirinto+do+minotauro&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMIhLXx-4L6yAIVyNoaCh3sQw9s#imgrc=FHwGmytQ5RjdrM%3A (link referente à imagem do labirinto do Minotauro, incluída na apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Dédalo e Ícaro, diapositivo 2)

https://www.google.pt/search?q=dedalo+e+icaro&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMIut6F8YP6yAIVQIEaCh0VUQYT#imgrc=ArydxEyRTcKfKM%3A (link referente à imagem de Dédalo e Ícaro, incluída na apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Dédalo e Ícaro, diapositivo 4)

https://www.google.pt/search?q=queda+de+%C3%ADcaro&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMIpfzVoYT6yAIVRIsaCh2TaaXl#imgrc=zpOkc19ITwh7jM%3A (link referente à imagem da queda de Ícaro, incluída na apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Dédalo e Ícaro, diapositivo 6)

https://www.google.pt/search?q=icaro+mar+egeu&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMIy7Lnhor8yAIVSVkUCh0gFQTV#imgrc=9E8CSbHSeng8rM%3A (link referente à imagem da queda de Ícaro, incluída na apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Dédalo e Ícaro, diapositivo 7)

https://www.google.pt/search?q=mito+de+narciso&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMImNyQ2YD6yAIVyTkaCh1JowAA#imgrc=z9Fr5p3Leb5BQM%3A (link referente à imagem de Narciso, incluída na apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Eco e Narciso, diapositivo 1)

https://www.google.pt/search?q=ovidio+metamorfoses&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMIy9Xz74v8yAIVw0IUCh1ZAgSd#imgrc=i1YdY7T4dYZWSM%3A (link referente à imagem da capa da obra

Metamorfoses, incluída na apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Eco e Narciso, diapositivo 2)

https://www.google.pt/search?q=ninfa&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMIremIn4z8yAIVAVYUCh2p-QlF#tbm=isch&q=n%C3%A1iades&imgdii=S-_1LuybBjRVbM%3A%3BS-_1LuybBjRVbM%3A%3BhvmT13MW6zmMAM%3A&imgrc=S-_1LuybBjRVbM%3A (link referente à imagem da náiade Liríope, incluída na

apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Eco e Narciso, diapositivo 3)

https://www.google.pt/search?q=narciso&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI6Y_0x5D8yAIVyrQaCh08TgMS#tbm=isch&q=mito+de+narciso&imgrc=6v5JNn7O3_ED9M%3A (link referente à imagem de

Narciso, incluída na apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Eco e Narciso, diapositivo 4)

https://www.google.pt/search?q=narciso&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI6Y_0x5D8yAIVyrQaCh08TgMS#tbm=isch&q=narciso+e+as+ninfas&imgrc=2GuHfV1A4qrh_M%3A (link referente à imagem de

Narciso com as ninfas, incluída na apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Eco e Narciso, diapositivo 5)

https://www.google.pt/search?q=narciso&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI6Y_0x5D8yAIVyrQaCh08TgMS#tbm=isch&q=mito+de+eco&imgrc=4ZEFrP4rn7KETM%3A (link referente à imagem de Eco,

incluída na apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Eco e Narciso, diapositivo 6)

https://www.google.pt/search?q=narciso&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI6Y_0x5D8yAIVyrQaCh08TgMS#tbm=isch&q=deusa+n%C3%A9mesis&imgdii=thRhPzBggdVnnM%3A%3BthRhPzBggdVnnM%3A%3BEaLAJOcfrdJ7M%3A&imgrc=thRhPzBggdVnnM%3A (link referente à

imagem da deusa Némesis, incluída na apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Eco e Narciso, diapositivo 7)

https://www.google.pt/search?q=narciso&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI6Y_0x5D8yAIVyrQaCh08TgMS#tbn=isch&q=narciso+flor&imgsrc=Jn11iaAJ0e0jEM%3A (link referente à imagem da flor Narciso, incluída na apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Eco e Narciso, diapositivo 8)

https://www.google.pt/search?q=mito+de+eco+e+narciso&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMIkZP7yJT8yAIVQcYaCh0UdAvZ#imgsrc=T2LMQgeLq4wuJM%3A (link referente à imagem de Eco e Narciso, incluída na Ficha de Trabalho 2 de Latim)

<http://pt.dayshare.org/DouglasGregorio/os-doze-trabalhos-de-hrcules-27553680> (link referente ao site onde se encontra o trabalho da autoria do Professor Doutor Douglas Gregório com as imagens utilizadas na apresentação em PowerPoint sobre os Doze Trabalhos de Hércules. As ilustrações são de J.U. Campos e André Le Blanc, publicadas originalmente na obra *Os Doze Trabalhos de Hércules* – tomo I e II de Monteiro Lobato)

Índice de Anexos

Anexo 1 – [Ficha de Trabalho 1] 1. ^a Atividade de Português: A personagem de Vénus e Baco – os valores associados a cada uma	III
Anexo 2 – [Ficha de Trabalho 2] 2. ^a Atividade de Português: A importância do “Consílio dos Deuses” na glorificação do herói d’ <i>Os Lusíadas</i> – Texto Argumentativo	VI
Anexo 3 – Planificação do Texto Argumentativo	IX
Anexo 4 – [Ficha de Trabalho 3] 3. ^a Atividade de Português: O Mito de Sísifo e o Poema “Sísifo” de Miguel Torga – as semelhanças	XII
Anexo 5 – Apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Dédalo e Ícaro	XVIII
Anexo 6 – [Ficha de Trabalho 1] 1. ^a Atividade de Latim: O Mito de Ícaro e Dédalo – os valores e a posição do Velho do Restelo	XXIII
Anexo 7 – Apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Eco e Narciso	XXIX
Anexo 8 – [Ficha de Trabalho 2] 2. ^a Atividade de Latim: O Mito de Eco e Narciso – a reflexão sobre o Homem segundo o poema “O Narciso” de Miguel Torga	XXXIV
Anexo 9 – Apresentação em PowerPoint acerca dos Doze Trabalhos de Hércules	XLI
Anexo 10 – Conto “Quatrocentos mil sestércios”	LIV
Anexo 11 – [Ficha de Trabalho 3] 3. ^a Atividade de Latim: Os Doze Trabalhos de Hércules – a comparação com o protagonista do conto “Trezentos Mil Sestércios” de Mário de Carvalho	LXI
Anexo 12 – Inquérito Final de Português	LXXI
Anexo 13 – Inquérito Final de Latim	LXXIV

Anexos

Anexo 1 – [Ficha de Trabalho 1] 1.^a Atividade de Português: A personagem de Vénus e Baco – os valores associados a cada uma



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DGEstE – Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares

Direção de Serviços Região Centro

Agrupamento de Escolas Figueira Mar

Ficha de Trabalho

Português – 9º Ano

Episódio do Consílio dos Deuses no Olimpo – Os Valores

- Podemos classificar os valores de um duplo ponto de vista: objetivo e subjetivo.

Valores objetivos: referem-se à valorização ou desvalorização que atribuímos a objetos. **Exemplo:** Lupita Nyong'o usou o vestido mais caro da cerimónia dos Óscares.

Valores subjetivos: dizem respeito aos critérios pelos quais regemos as nossas ações. **Exemplo:** Madre Teresa de Calcutá passou a viver entre os pobres. O seu nome será sempre associado à solidariedade.

- No episódio do Consílio dos Deuses no Olimpo, as personagens mitológicas funcionam como ilustrações de valores, tendo em conta a sua posição relativamente ao prosseguimento da viagem dos Portugueses.
Atenta agora, nas personagens de Baco e Vénus e na sua classificação como personagem oponente e personagem adjuvante, respetivamente.

1. Que valor se associa à personagem de Baco? Assinala com um (X) a opção que consideras correta.

Respeito

Lealdade

Justiça

Despeito

2. Num pequeno comentário de três linhas refere qual o valor que relacionas à atitude de Vénus. Justifica a tua resposta.



Baco, deus do vinho



Vénus, deusa do Amor

Anexo 2 – [Ficha de Trabalho 2] 2.^a Atividade de Português: A importância do “Consílio dos Deuses” na glorificação do herói d’*Os Lusíadas* – Texto Argumentativo

Anexo 3 – Planificação do Texto Argumentativo



DGEstE – Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares
Direção de Serviços Região Centro
Agrupamento de Escolas Figueira Mar

Planificação do Texto Argumentativo

- Planificar significa organizar de acordo com um plano.

Estrutura do texto argumentativo

(Nota: Para a elaboração do teu texto deves seguir os tópicos abaixo)

Introdução (no caso do texto argumentativo corresponde à tese): exposição do tema a defender.

- A importância do “Consílio dos Deuses” na exaltação dos Portugueses;
- Necessidade dos Deuses se reunirem no Olimpo;
- O simbolismo (significado) do episódio;
- Noção de herói coletivo conferida ao povo português.

Desenvolvimento: apresentação dos argumentos que justificam o tema exposto anteriormente (na Introdução).

1) A dimensão simbólica do “Consílio dos Deuses”

- A importância do povo português desencadeou a realização do Consílio;

Exemplo: Os Deuses como autores das profecias sobre as vitórias dos feitos futuros dos Portugueses.

2) A conceção de herói atribuída aos Portugueses.

- A superação de obstáculos por parte da gente lusitana determina a sua elevação à condição de herói coletivo.

Exemplo: O confronto dos Deuses com os homens, o qual resulta na superioridade destes últimos;

Conclusão: síntese dos argumentos referidos.

- O “Consílio dos Deuses” como contributo para a ascensão dos Portugueses ao “estatuto” de heróis através da intervenção dos Deuses como profetizadores do seu futuro.

Anexo 4 – [Ficha de Trabalho 3] 3.^a Atividade de Português: O Mito de Sísifo e o
Poema “Sísifo” de Miguel Torga – as semelhanças



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DGEstE – Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares

Direção de Serviços Região Centro

Agrupamento de Escolas Figueira Mar

Ficha de Trabalho

Português – 9º Ano

- Lê o poema que se segue.

Sísifo

1 Recomeça...

Se puderes,
Sem angústia e sem pressa.
E os passos que deres,

5 Nesse caminho duro

Do futuro,
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanses.

10 De nenhum fruto queiras só metade.

E, nunca saciado,
Vai colhendo
Ilusões sucessivas no pomar
E vendo

15 Acordado,

O logro da aventura.
És homem, não te esqueças!
Só é tua a loucura
Onde, com lucidez, te reconheças.

in *Diário XIII*, Miguel Torga

- Atenta na explicação do *Mito de Sísifo*.

Júpiter, pai dos deuses, apaixonou-se por Egina, filha do deus-rio Asopo. Este procurou-a por todo o lado, até que Sísifo, rei de Efira, lhe confidenciou que Egina havia sido levada por Júpiter.

Asopo partiu para ir resgatar a filha e encontrou-a nos braços de Júpiter, que tinha deixado os raios pendurados numa árvore. Este limitou-se a transformar-se numa pedra até Asopo passar. Em seguida, retomou a sua forma divina, pegou numa arma e atirou um raio ao deus-rio que a partir deste ataque passou a coxear.

Sísifo foi condenado a uma punição eterna no reino dos mortos devido à sua indisciplina. Júpiter pediu a Plutão para levar o rei para o mundo dos mortos, mas este recusou-se a ir. O rei manteve Plutão preso por algemas durante um mês inteiro.

Perante a ameaça de Marte, Sísifo decide libertar Plutão e acompanhá-lo ao mundo subterrâneo. Quando chega, Sísifo persuade com as suas palavras a esposa de Plutão, Prosérpina. Ela acede, e o rei regressa a casa.

No entanto, Sísifo recebe outro castigo, o qual consiste em empurrar uma pedra por uma colina acima. Quando a pedra chegava ao cimo, rolava para trás até à base. Sísifo tinha de a empurrar até ao cimo uma e outra vez, para todo o sempre.

Adaptado de: AA.VV. Mitologia: Mitos e Lendas de Todo o Mundo, Lisma Ediciones, 2006

- Responde, de forma completa, às seguintes questões.

1. Indica o modo da forma verbal «Recomeça».

1.1 - Explica o seu valor expressivo.

2. Atenta nos versos 4-9.

2.1 - Indica os dois vocábulos que se relacionam semanticamente.

2.2 - Refere o sentido dos versos citados.

2.3 - Interpreta os versos «Enquanto não alcances/Não descanses.» (vv.8-9).

3. Relê, agora a segunda estrofe.

3.1 - Indica o recurso expressivo presente nos vv. 12-13.

3.1.1 Explica o seu sentido, considerando a metáfora contida nos vocábulos «fruto» (v. 10) e «pomar» (v. 13)

3.2 - Explicita o valor expressivo do emprego do adjetivo «acordado» (v. 15).

3.3 - Interpreta a antítese presente nos dois últimos versos do poema (vv. 18-19).

4. Depois da interpretação do poema, e considerando o mito que está na sua base, refere duas semelhanças que encontras entre os dois.

Anexo 5 – Apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Dédalo e Ícaro

O Mito de Dédalo e Ícaro



Dédalo foi o arquiteto do Labirinto para o Minotauro.



- O rei Minos soube que Dédalo havia confidenciado um plano para que Teseu escapasse do Labirinto.
- Tratou, então de fechar Dédalo e o seu filho Ícaro no Labirinto.

O grande inventor teve a ideia de construir asas para si e para o filho



- Dédalo, no entanto, avisa o filho de que deveria manter-se a uma altitude média, pois, se se aproximasse demasiadamente do Sol a cera poderia derreter-se e as asas soltarem-se.

Ignorando as advertências do pai, Ícaro subiu cada vez mais alto



e acabou por cair no mar.



Anexo 6 – [Ficha de Trabalho 1] 1ª Atividade de Latim: O Mito de Ícaro e Dédalo – os valores e a posição do Velho do Restelo (Episódio “O Velho do Restelo” in *Os Lusíadas*)



DGEstE – Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares

Direção de Serviços Região Centro

Agrupamento de Escolas Figueira Mar

Lege hunc textum:

I

Textus

1 Minos, rex Cretae¹, Daedalum et Icarum in Labyrintho² claudit³.
Puer captivus⁴ in magna maestitia⁵ flet⁶, sed ingeniosus⁷ pater alas⁸ ex cera⁹ fabricat¹⁰ et cum Icaro uolat¹¹.

4 Icarus in caelo¹² plenus¹³ gaudii¹⁴ est alasque agit¹⁵, sed, oblitus¹⁶ Daedali consiliorum¹⁷, nimis¹⁸ ad solem appropinquat¹⁹. Phoebus²⁰, Solis deus, iratus audacia stulti²¹ Icari, ceram alarum liquefacit²² et miser²³ puer in pelagus²⁴ praecipitat²⁵.

7 Daedalus autem in Italiam peruenit²⁶ et in Phoebi templo²⁷ alas cereas²⁸ consecrabit²⁹.

Adaptado de: Giannino Balbis e Maria Teresa Bruzzone, *Ars Grammatica, Esercizi*, Bergamo, Ed. Atlas, 1999

II

1. Quem Minos in Labyrintho claudit?

2. Quis alas ex cera Icaro fabricat?

3. Quid Phoebus alis Icari facit?

4. Quo Daedalus peruenit?

Glossarium

<p>¹<i>Creta, ae</i>: cidade de Creta</p> <p>²<i>Labyrinthus, i</i>: labirinto</p> <p>³<i>claudo, is, ere, clausi, clausum</i>: fechar</p> <p>⁴<i>captivus, a, um</i>: cativo</p> <p>⁵<i>maestitia, ae</i>: tristeza</p> <p>⁶<i>fleo, fles, flere, flevi, fletum</i>: chorar</p> <p>⁷<i>ingeniosus, a, um</i>: habilidoso</p> <p>⁸<i>ala, ae</i>: asa</p> <p>⁹<i>cera, ae</i>: cera</p> <p>¹⁰<i>fabrico, as, are, aui, atum</i>: fabricar, construir</p> <p>¹¹<i>uolo, as, are, aui, atum</i>: voar</p> <p>¹²<i>caelum, i</i>: céu</p> <p>¹³<i>plenus, a, um</i>: cheio</p> <p>¹⁴<i>gaudium, ii</i>: alegria</p> <p>¹⁵<i>agito, as, are, aui, atum</i>: agitar</p>	<p>¹⁶<i>oblitus, a, um</i>: esquecendo-se</p> <p>¹⁷<i>consilium, ii</i>: conselho</p> <p>¹⁸<i>nimis</i>: demasiado (adv.)</p> <p>¹⁹<i>appropinquo, as, are, aui, atum</i>: aproximar-se,</p> <p>²⁰<i>Phoebus, i</i>: Febo</p> <p>²¹<i>stultus, a, um</i>: insensato, tolo</p> <p>²²<i>liquefacio, is, ere, feci, factum</i>: derreter</p> <p>²³<i>miser, era, rum</i>: miserável, infeliz</p> <p>²⁴<i>pelagus, i (n.)</i>: mar</p> <p>²⁵<i>praecipito, as, are, aui, atum</i>: precipitar-se, cair</p> <p>²⁶<i>peruenio, is, ire, veni, atum</i>: dirigir-se, chegar a, atingir;</p> <p>²⁷<i>templum, i</i>: templo</p> <p>²⁸<i>cereus, a, um</i>: de cera</p> <p>²⁹<i>consecro, as, are, aui, atum</i>: consagrar</p>
---	--

III

1. Traduz o texto.

2. Identifica o caso e a função sintática das expressões sublinhadas no texto.

IV

1. Sublinha a(s) forma(s) verbais de cada frase.

- a) Dédalo lê¹ poemas² ao filho.
- b) Os reis enviam³ os corpos⁴.
- c) O general⁵ conduz⁶ os soldados⁷ com tempo⁸.

¹*lego, is, ere, legi, lectum*

²*carmen, inis (n.)*

³*mitto, is, ere, misi, missum*

⁴*corpus, corporis (n.)*

⁵*dux, ducis*

⁶*duco, is, ere, duxi, ductum*

⁷*miles, militis*

⁸*tempus, temporis (n.)*

2. Passa para latim as frases anteriores.

a) _____

b) _____

c) _____

V

• **Acerca do Mito de Dédalo e Ícaro, responde as questões que se seguem.**

1. O que revela a atitude de Ícaro? Coloca um (x) na resposta que consideras correta.

Rebeldia

Sensatez

Coragem

Vaidade

Loucura

Ousadia

2. Atenta nas estâncias do episódio da obra *Os Lusíadas*, “O Velho do Restelo”.

Pensas que esta personagem concordaria com a atitude de Ícaro? Justifica a tua resposta.

94 *Mas um velho, de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:*

95 *Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!*

(...)

101 *Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama se exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.*

(...)

103 *Trouxe o filho de Jápeto do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano).
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!*

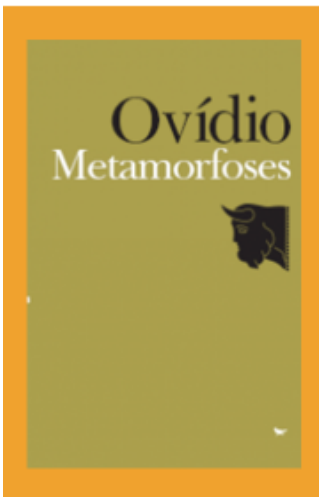
104 *Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande arquitecto co' o filho, dando,
Um, nome ao mar, e, o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferre, água, cala e frio,
Deixa intentando a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!*

in *Os Lusíadas*, Luís de Camões

Anexo 7 – Apresentação em PowerPoint acerca do Mito de Eco e Narciso



*O Mito de Eco
e Narciso*



- A versão mais conhecida deste mito encontra-se na obra *Metamorfoses* (Livro III) de Ovídio.



- Narciso era filho do deus do rio, Cefísio, e da ninfa Liríope, uma das náiades, que habitavam rios e riachos. Dotada de rara beleza, Liríope foi vítima da virilidade exacerbada de Cefísio.



- Dessa gravidez indesejada, nasce Narciso, cuja beleza comparada a do deus Apolo é festejada pelas ninfas.
- Preocupada com a divinização do seu filho, Liríope decide consultar o profeta Tirésias para saber sobre o destino de Narciso. Tirésias, que tinha o dom de predizer o futuro, responde-lhe de forma lacônica e direta: “Se ele não se conhecer.”.
- Para impedir a realização desta profecia, Liríope procura criar o filho sem que ele veja a sua própria imagem.



- Narciso começou a ser assediado por muitos jovens e donzelas, que procuravam o seu amor, *"mas, naquela esbelta forma, era tão frio e orgulhoso, que não houve jovem ou donzela que lhe tocasse o coração"*.



- Certa vez, ao caçar um veado assustado, foi *"seguido por uma ninfa, de estranha voz, a retumbante Eco, que não podia ficar em paz quando os outros falavam, nem começar a falar enquanto alguém não lhe dirigisse a palavra"*.
- Eco, de facto, só podia repetir a fala alheia, devido a um castigo que lhe aplicou Juno, porque, em outros tempos, ela ficava a tagarelar, desviando a atenção da deusa, que assim não conseguiu surpreender o seu esposo Júpiter em companhia das ninfas nas encostas das montanhas.



- Narciso, no entanto, rejeitou-a, e ela recolheu-se entristecida na floresta.
- Perante o seu comportamento, a deusa Némesis castiga-o. Atraído pela paisagem e pela fonte, Narciso ali se debruça e enamora-se perdidamente pela bela forma que vê e, num estado de deslumbramento, permanece imobilizado como uma estátua de mármore tentando alcançar aquele que vê.



- À margem do lago, Narciso definha, sem comer, sem dormir, sem descanso, totalmente iludido com a correspondência do amor da imagem e, sem reconhecê-la como o próprio reflexo. Ao chorar por não poder capturar o amado nos seus braços, as suas lágrimas turvam o lago e fazem desaparecer a imagem na água perturbada. Desespera-se perante a ameaça de perder o seu amor e golpeia-se até à morte.
- As náíades vêm buscá-lo com o ataúde e as tochas nas mãos para conduzi-lo à pira funerária, mas, no lugar do seu corpo, encontram uma flor, cujo centro amarelo estava cercado de pétalas brancas.

Anexo 8 – [Ficha de Trabalho 2] 2.^a Atividade de Latim: O Mito de Eco e Narciso – a reflexão sobre o Homem segundo o poema “O Narciso” de Miguel Torga



DGEstE – Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares
Direção de Serviços Região Centro
Agrupamento de Escolas Figueira Mar

- Lege hunc textum:

I

Textus

1 Narcissus¹ filius Cephisii², fluminis³ deus, et Liriopes⁴ erat.

Narcissus pulcher puer crescit⁵. Iuuenis⁶ caritatem⁷ hominum feminarumque excitabat⁸, sed superbissimus⁹ erat.

4 Echo¹⁰ Narcissum uenerat¹¹; autem, hic¹² nympham contemnit¹³.

Itaque, ueritatis¹⁴ dea, puerum castigat¹⁵: hunc¹⁶ cogit¹⁷ imaginem¹⁸ suam in Echus palude¹⁹ in amorem se ducere²⁰.

7 Post mortem suam, dea in florem²¹ hunc conuertit²².

**Texto elaborado pela Professora Titular Teresa Carriço e
pela Professora Estagiária Mariana Pinto**



II

1. Qui Narcissus erat?

2. Quomodo Narcissus erat?

3. Quae Narcissum uenerat?

4. Quomodo dea Narcissum castigat?

Glossarium

¹ <i>Narcissus, i</i> : Narciso	¹² pronome demonstrativo (nom., masc.,sing.)
² <i>Cephis(s)ius, ii</i> : Cefísio	¹³ <i>contemno, is, ere, tempsi, temptum</i> : desprezar
³ <i>flumen, inis</i> (n.): rio	¹⁴ <i>ueritas, atis</i> : verdade
⁴ <i>Liriope, es</i> : Liríope	¹⁵ <i>castigo, as, are, aui, atum</i> : castigar
⁵ <i>cresco, is, ere, creui, cretum</i> : crescer	¹⁶ pronome demonstrativo (ac.,masc.,sing.)
⁶ <i>iuuenis, is</i> : jovem	¹⁷ <i>cogo, is, ere, coegi, coactum</i> : obrigar
⁷ <i>caritas, atis</i> : amor, carinho	¹⁸ <i>imago, inis</i> : imagem
⁸ <i>excito, as, are, aui, atum</i> : despertar	¹⁹ <i>palus, udis</i> : lagoa
⁹ <i>superbus, a, um</i> : orgulhoso	²⁰ <i>in amorem se ducere</i> (expressão idiomática): apaixonar-se por
¹⁰ <i>Echo, us</i> : Eco (ninfa que se apaixonou por Narciso)	²¹ <i>flos, oris</i> : flor
¹¹ <i>uenero, as, are, aui, atum</i> : venerar	²² <i>conuerto, is, ere, uerti, uersum</i> : transformar

III

1. Traduz o texto.

2. Identifica o caso e a função sintática das expressões sublinhadas no texto.

IV

1. Passa para Latim as seguintes frases.

a) Esta ninfa encantará¹ o deus do rio.

<p>¹<i>delecto, as, are, aui, atum</i></p> <p>²<i>repello, is, ere, pulsi, pulsum</i></p> <p>³<i>amor, oris</i></p>
--

b) Narciso rejeitava² este carinho.

c) Eco venera Narciso mas este despreza o amor³ da ninfa.

V

1. Lê atentamente o poema que se segue.

O Narciso

O desenho impreciso
De cada rosto humano, reflectido!
Mas, o velho Narciso
Continua fiel e debruçado

5 Sobre o ribeiro...

Porque não há-de ver-se inteiro
Quem todo se deseja revelado?
Devorador da vida lhe chamaram,
A ele, artista, sábio e pensador,

10 Que denodadamente se procura!

À movediça e trágica tortura
De velar dia e noite a líquida corrente
Que dilui a verdade,
Quiseram-lhe juntar a permanente

15 Ironia

Desse labéu de pérfida maldade
Que turva mais ainda a imagem fugidia...

Miguel Torga

2. Para cada uma das afirmações que se seguem (itens 2.1. a 2.4.) seleciona, com um círculo, a alternativa que completa cada afirmação, de acordo com o sentido do poema.

2.1. Nos versos «O desenho impreciso/De cada rosto humano, reflectido!», o eu poético pretende

- (A) estender a figura de Narciso a cada homem.
- (B) referir a irregularidade do rosto humano.
- (C) indicar a presença da rosto de cada homem.
- (D) salientar a imprecisão da reflexão do rosto humano.

2.2. O sentido dos vv. 3-5 relaciona-se com

- (A) a devoção de Narciso pelo seu reflexo
- (B) a procura de humanidade pelo inalcançável
- (C) a eterna contemplação de Narciso pela sua própria imagem
- (D) a busca incessável do homem pela verdade

2.3. A utilização do vocábulo «ribeiro» (verso 5), tendo em atenção que o Mito de Eco e Narciso se refere a uma «fonte» deve-se ao facto de o autor

- (A) reiterar a dimensão do espaço
- (B) usá-lo como metáfora de vida
- (C) pretender alargar o sentido do local
- (D) referir-se à passagem do tempo

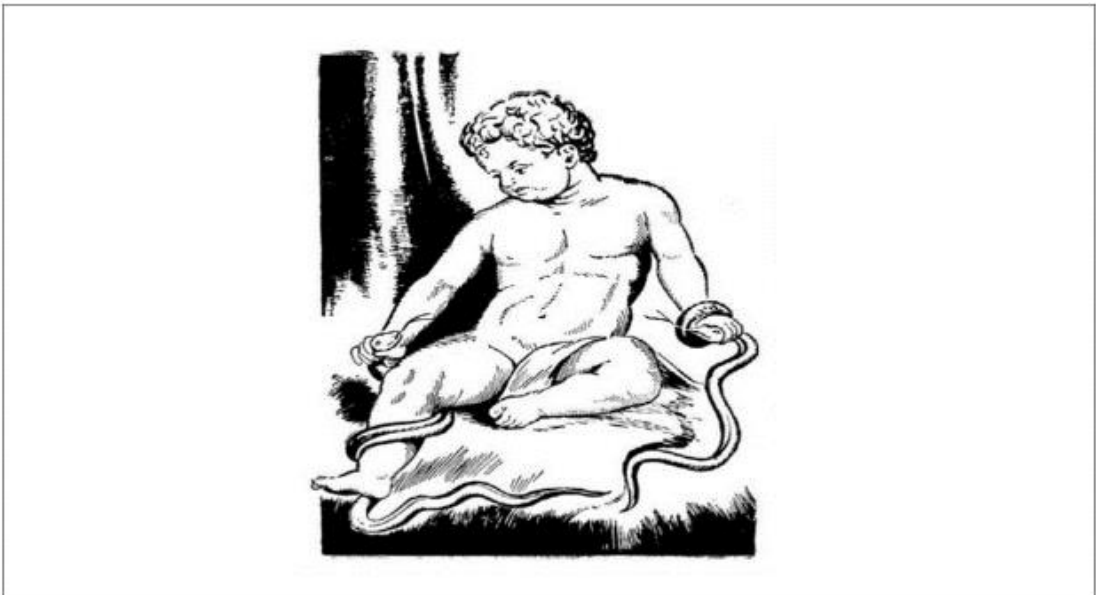
2.4. Nos versos «Que denodadamente se procura!/(...)/ De velar dia e noite a líquida corrente », o sujeito poético indica que

- (A) a procura do Homem não tem fim.
- (B) a admiração de Narciso pelo seu reflexo se vai dissipando

(C) a procura da verdade acaba por cessar

(D) a veneração de Narciso pela sua imagem oculta a verdade

Anexo 9 – Apresentação em PowerPoint acerca dos Doze Trabalhos de Hércules

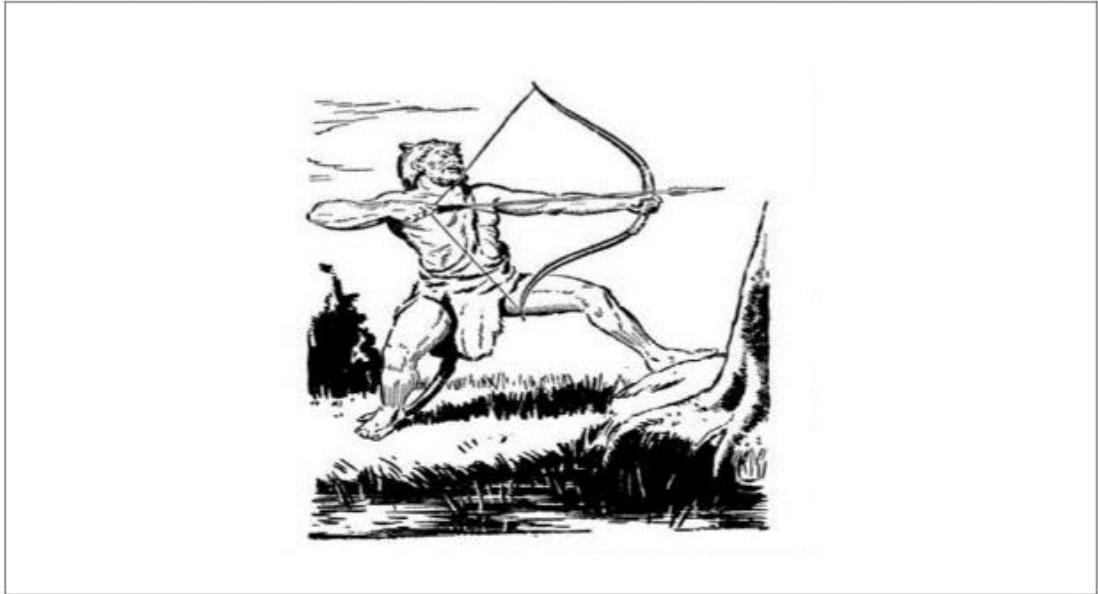
























Anexo 10 – Conto “Quatrocentos mil sestécios”

Quatrocentos mil sestércios

Poderia ter passado aqueles dias em perfeito sossego sem dar azo a que a Fortuna se intrometesse comigo. Qualquer coisa, qualquer vento inopinado, a qualquer espírito rebarbativo, fez com que desabassem sobre mim – quieto e sossegado que gostaria de ser – trabalhos semelhantes aos de Hércules, se tomarmos em conta a desproporção das forças.

Foi à última hora que meu pai me comunicou que ia partir, por uns dias, para Olisipo por causa de uma demanda sobre uma remessa de trigo avariado. Nunca percebi se, na pendência, ele fazia de Autor ou de Réu e fui, certamente, o último da casa a saber a notícia. Mesmo depois dos escravos, mesmo depois da infame Lícia...

Eu reparei nos preparativos: vi o Jálío a olear a lança, vi o Clíton a amontoar bagagens, tropecei num molho de gládios a um canto.... Mas, francamente, nunca chegava a penates suficientemente cedo ou suficientemente sóbrio, para ter oportunidade de ouvir explicações. Também estava acostumado a dar pouca importância ao que ia lá por casa...

Na véspera da partida, meu pai acordou-me brutalmente ao nascer do Sol. Abriu as portadas de par em par, com estrondo, e proclamou: «Começou o dia.» «O meu dia é particular, começa mais tarde.», respondi eu, tapando-me o mais possível. O meu pai sentou-se no leito e pigarreou.

Percebi que não tinha outro remédio senão ouvi-lo e encarei-o, toscanejando e mal-humorado.

- Estás a preparar-te para envelhecer cedo, não é, filho?- suspirou, passou a mão pela cara, já escanhoadá, numa preocupação dorida, enquanto eu pensava. «O que é que eu teria feito, o que é que eu teria feito desta vez?»

Podia estar tranquilo. O meu pai não desconfiava de nada sobre o roubo da coroa de louros da estátua do imperador. Nem da assuada à porta do...

- Escuta, meu imbecil – disse-me ele, fazendo ostensivamente um grande esforço para falar com clareza e ignorando o meu ar amuado, de braços cruzados.

- Tenho de ir a Olisipo. Uma demanda sobre... enfim... assuntos demasiado complicados para a tua pobre cabeça. Apesar de seres o pateta que és, corrécio e bêbedo, julgo meu dever avisar-te, prevenindo os percalços que uma viagem destas sempre implica, de que Lentúlio me deve quatrocentos mil sestércios, já contados os juros e os juros de juros.

- O magarefe?

- O magarefe! A dívida vence-se depois de amanhã. Eu não posso ficar mais tempo, porque tenho de me apresentar no pretório de Olisipo nos próximos cinco dias, nem tenciono nomear procuradores, porque me levam os olhos da cara e não há necessidade estando cá tu...

- Por que é que não mandas um escravo?

- Um escravo? Cobrar quatrocentos mil sestércios? Mas que ofensas teria eu cometido aos deuses para ter um filho tão parvo?

- O Clíton é de confiança...

- Marco, meu filho, prova viva das imperfeições do universo, escuta: Se o Lentúlio vê um escravo na frente a pedir-lhe dinheiro é muito provável que o corra à paulada. Mais provável é que faça tal escândalo que amanhã toda a Salácia saberá que eu mando cobrar dívidas por escravos. Ainda me processam. Seguramente aproveitará para não me pagar a tempo... Serão estes raciocínios tão subtis que tu mesmo atendendo às circunstâncias que te são inerentes, não consigas percebê-los? Aliás, o Clíton vai comigo.

Só o respeito filial me impediu de fazer observações sobre o que levava um homem como o meu pai a ter negócios com o trifulha do Lentúlio. Não me parecia grande sinal de lucidez, mas conformei-me.

- Quando é que se vence a dívida?

- À meia-noite de terça-feira. Quero-te em casa do Lentúlio à hora terceira antes que ele comece a despachar os ranhosos dos clientes dele. E de toga!

- À hora terceira? De toga, eu?

- De toga!

O meu pai estava a ser peremptório. Eu nunca na vida me mostrei muito obediente, mas tive de perceber, pela entonação da voz, que aquilo da toga era importante. Onde teria eu metido a toga? Bom, a Lícia que soubesse, e que me desvencilhasse, como era sua obrigação... Havia de haver uma arca qualquer...

Ao pai, então, deu-lhe para o sentimentalismo.

- Como os nossos estilos de vida são inteiramente diferentes, estou em crer que não vamos ver-nos até ao meu regresso de Olisipo. Oxalá, filho, tudo nos corra bem. Fiz já os competentes sacrifícios, os auspícios são favoráveis, assim os deuses não sejam entretanto ofendidos.

- Levas os escravos todos? – perguntei eu.

- Os que forem necessários. – respondeu meu pai surpreso.

- Hum. – disse eu.

- Bom. – disse o meu pai.

- Boa ventura, pai. – volvi eu. Deixei que ele me beijasse suavemente (raro acesso de ternura) e volvi às conversações com Morfeu. Aliás, acho que Morfeu faltou à conferência porque não me lembro de nada do que se passou no resto do sono.

Acordei com a desdentada da Lícia à ombreira, fazendo-me negaças. Devíamos estar já a meio do dia, hora sétima, ou coisa assim...

- Que queres de mim, puta velha?

Fugiu às casquinadas, deixando a cortina entreaberta. Desde miúdo que Lícia passa a vida a provocar-me. Teve sorte, nos primeiros tempos, quando o meu pai a comprou e eu ainda andava de pretexta. Mas agora, os oferecimentos de Lícia pareciam-me pura e simplesmente obscenos. Pensei em mandar chicoteá-la, com uma disciplina de nove rabos. Não, dar-lhe chibatadas, não,

que exagero! Sugeriria antes ao meu pai que a mandasse para o campo. Também não: Se sugerisse alguma coisa ao meu pai, ele havia de fazer precisamente o contrário. Se calhar libertava-a. Também, não viria daí nenhum mal ao mundo... Ora! Esqueçamos Lícia...

La eu, com o estômago cheio de leite e figos pela via Aurélia abaixo, que de via não tem nada e é antes uma ladeira emporcalhada e íngreme – manias das grandezas de Salácia (e nem queiram saber o *forum* mesquinho que isto tem) quando me ocorreu aproveitar a ausência do pai para dar um banquete. E foi congeminando neste e noutros particulares que cheguei à taberna de Véus Calipígia, dirigida por um benemérito púnico e vesgo chamado Víscion que, por acaso, até engraçava comigo. Ou fingia. Sabem como são os púnicos...

Foi Víscion quem me dissuadiu. Ouvira a minha proposta, enquanto cirandava entre mesas, transportando petiscos fumegantes e dirigiu-se-me, com solenidade:

- Ó jovem, sabes bem como aprecio as tuas palavras e a tua companhia. Dia em que não venhas ao meu estabelecimento é dia de sol fosco e neblina cinzenta, por mais que digam que o astro brilha e que os ares estão claros. Mas presta atenção a quem tem experiência de vida: Se dás um banquete quando o paterfamilias estiver fora toda Salácia o saberá. E os antigos militares, cheios de más intenções, irão contá-lo ao teu progenitor que não terá outro remédio senão castigarte com severidade.

- Que é que o meu pai pode fazer? Não me pode mandar chicotear, não me pode mandar vender... Eu sou um cidadão romano.

- Pode expulsar-te de casa – observou um dos meus companheiros.

- Seria desagradável – concedi eu.

- Pior – segredou-me Víscion, dobrando-me para junto de mim e limpando as mãos ao imundo avental de couro. – Pode deserdar-te!

- E isso seria mau para todos. Para ti... para nós...

- Aí está! – concluiu Víscion triunfal -, pensa também nos teus amigos, porque a amizade é...

- Caluda, Fenício piolhoso – atalhei eu antes que Víscion entrasse em complicadas e demoradas metáforas orientais -, eu sei muito bem o que faço!

Mas desisti do banquete.

Quando nessa madrugada cheguei perto de casa, estavam o meu pai e sua comitiva prestes a sair. Havia lucernas acesas, à porta estava parado o carro de toldo, o vozear dos escravos enchia a rua toda, clientes entregavam petições e dádivas. Não era muito da minha conveniência mostrar-me naquela altura, tanto mais que Víscion desencantara, já noite alta, um certo vinho estrangeiro tão suave que dispensava misturas e que fazia com que metade de mim estivesse pairando no país das divagações. A outra metade, que, aliás, tinha alguma dificuldade de compatibilização com as pedras da calçada, armou o bom senso necessário a que eu me sentasse num poial e me limitasse

a espreitar da esquina. Apenas dei conta de que o cortejo era grande e que o meu pai levava consigo praticamente todos os escravos de casa. Até o tonsor. Como é que eu iria fazer a barba?

A velha Lícia apareceu-me, ovante, no quarto, muito cedo ainda, com uma bacia de água e uma velha lâmina de bronze, talvez mais velha e esboqueirada que ela própria. Naquele meu semitordoamento, deixei que me fizesse a barba e lamentei não ter ido à rua, a um tonsor público. Que tormentos, que horrendos gilvazes, que atrevidas acometidas da Lícia, deixando deslizar as mãos para áreas que não são permitidas aos tonsos, para mais munidos de navalha de bronze. Bem na insultava eu e esperneava. Lícia sorria, desdentadamente e, zás, golpe de navalha aqui, golpe de mão mais abaixo e eu a pensar se os deuses não teriam partido todos com o meu pai desacompanhando-me e abandonando-me nas mãos de megera.

Devo ter aparecido com a cara num triste estado na leitura pública da tragédia de Cleto, obrigação social a que não pude furtar-me. Felizmente, o auditório era escuro, e Cleto tinha que torcer estranhamente a cabeça, expondo o manuscrito (interminável manuscrito) à luz embaciada que vinha duma fresta. Não se poderia esperar melhor de um lugar de azeite em que dois libertos ardilosos tinham disposto umas bancadas razoavelmente instáveis, cujo desconforto era cúmplice dos anfitriões, e que alugavam aos criadores literários, seguramente metade da gente livre de Salácia.

Ainda assim cabeceei: a malvada da Lícia tinha-me acordado demasiadamente cedo e Morfeu exigia-me ali o pagamento do tributo. Cleto discorria, com o manuscrito numa mão, o corpo torcido, largos gestos do braço livre, envolto numa toga de pregas, cuja brancura denunciava o tratamento recente de urinas velhas, sobre Medeia, abrasada pelo remorso, que vinha ter a Olisipo e acabava por ser submetida a julgamento – vá-se lá saber com que competência, dado o conhecimento que eu tenho deles – pelos anciãos de Salácia.

Três horas nisto. Depois, um primo de Cleto, com um nome grego que mal recordo, leu umas alegações que tinha produzido no tribunal. Excelente, burilada, comovente defesa! Ou seria acusação? Quando acordei felicitei-o profusamente, como todos. Acho que era sobre um pescador que tinha penhorado barco, com a condição de... enfim, um tema interessantíssimo.

Cheguei tarde às termas, não encontrei os companheiros. Leituras públicas não eram com eles. Tinham ido caçar de noite, com archotes. Não se dignaram a esperar por mim, ou a mandarem-me recados. Cambada de egoístas. Oxalá topassem com a ursa Tribunda, gigantesca e feroz, o grande terror dos campos do Calipo e fossem corridos à patada. Atardei-me nas termas, deixei-me massajar, aturei um velho liberto que, rodeado de escravos, brincava com um balão de bexiga de porco e vim para casa. No dia seguinte cabia-me a grande cobrança. Tremenda responsabilidade! Onde teria eu a minha toga?

Maldita Lícia que veio pelo meio da noite meter-se na cama... O que me valeu é que, desta vez, não estava bêbedo. Enxotei-a, aos berros, e garanti que a mandava vender se não me apresentasse a toga. Creio que ela me amaldiçoou, da soleira, lá na língua dela, mas, no outro dia,

madrugadíssima, lá estava uma toga (do meu pai, obviamente) dobrada sobre um escabelo, no átrio.

Então, quatrocentos mil sestércios, do Lentúlio Magarefe, hã? Fôssemos a isso. A sorte favorece os audazes! Era só descer a lareira e... e o pior foram os cães. Lentúlio tinha dois molossos que circulavam à noite pela propriedade e que só eram presos de dia, quando os escravos se lembravam. Com a morte na alma, vi-me encurralado contra um muro, enquanto os mastins rosnavam e se aproximavam, ameaçadores, à espera de um gesto em falso para me fazerem em pedaços. Muito calmamente, embora os dentes me tremessem como carqueja ao vento, tentei dizer umas coisas aos animais. Sempre ouvi que os cães de guarda se acalmam quando lhes falam suavemente, de maneira que desenrolei as duas primeiras estrofes da *Eneida*, antes que o filho do dono da casa me viesse salvar, mostrando-se mais eficaz a poder de pontapés que Virgílio a poder de palavras aladas.

Lentúlio recebeu-me com amabilidade, recostado sob uma pérgola de que se avistava a curva de Calipo e paisagens além, pelos horizontes fora. Vestia uma túnica comprida, cor de açafraão, debruada a pérola, que lhe dava um certo ar de matrona melada. Mandou servir manjares e manifestou uma familiaridade efusiva. Que não sei quê, que tinha servido com o meu pai não sei onde, o saque não sei de que cidade, e as patuscadas não sei em casa de que diabo... Competia-me, filialmente, ouvir e sorrir.

Chegada a minha vez de falar, ainda com o esquisito sabor daqueles bolos amarelos na boca, fui pouco eloquente, mas consegui dar a entender ao que vinha. Lentúlio fez um largo gesto de solenidade, como se não tivesse percebido logo pela toga (se calhar tinha-me avistado de longe e mandado soltar os cães) e surpreendeu-me, dizendo:

- Trazes mandato, decerto.

Recompus-me depressa:

- Trago mandato, mas não escrito. Sabes que o meu pai confia em mim. Aliás, encarregou-me de te dizer que, se pões a dívida em causa, te manda citar em Olisipo ou Pax Julia, com as incomodidades daí resultantes...

Os grandes olhos de peixe de Lentúlio circularam em volta, enquanto pensava. Depois, pousou-me a mão no braço e disse:

- Certamente! E eu conheço-te bem. Andei contigo ao colo ainda tua mãe era viva. Não irias com certeza enganar-me...

E bateu as palmas, chamando pelo intendente.

- Passas-me um recibo? – perguntava-me uma hora depois, após eu ter conferido os montes de denários e sestércios que o intendente tinha trazido, em dois sacos de couro.

- Sem dúvida!

- Com testemunhas?

- Mas, seguramente. Traz as tábuas...

- E fazes um juramento?

- Todos os juramentos que quiseres...

Lentúlio mandou chamar o filho, a matrona e o intendente (havia de valer muito o testemunho, ainda que ajuramento de dois familiares e um escravo!), partiu uma ânfora e estendeu-me um caco. Não usava tabuinhas de cera; escrevia em cacos, o poderoso Lentúlio. No poupar é que está o ganho...

- Ora escreve aí: «Recebi de Lentúlio Sacro Sammone, a quantia de... de que dou quitação... etc... Sejam testemunhos os deuses, mais os que aqui assinam.» Aplicadamente, assinaram todos menos eu. Sempre queria ver qual era o valor jurídico daquele caco se tivesse de ser apreciado em *juízo*... Quanto ao juramento, repeti, de mão alçada, a lengalenga solene, um tanto cómica, que Lentúlio entendeu ditar.

E pelo meio da manhã, cansado de conversa e do peso dos dois sacos de moedas que levava comigo, eu tive algum medo. Não pela falta de companhia, mas pelo excesso dela: Lentúlio mandara-me acompanhar a casa por dois negros de grossa musculatura e ar patibular, pouco versados no latim, que eu a casa esquina suspeitava me iam espancar e roubar o dinheiro. Mas não. As ruas estavam movimentadas e eles deixaram-me perto de minha casa de braços cruzados sobre as peitaças luzidias, numa grande atitude de gladiadores de província.

Pôs-se-me logo uma questão angustiante: onde guardar o dinheiro? Estava praticamente sozinho, descontando a tonta da Lícia e um palafreneiro coxo e, além disso, extremamente pateta. Como poderia resistir, se fosse assaltado? Ainda por cima, o meu pai tinha levado consigo todas as armas capazes de impressionar... Lá desencantei um dardo e um gládio enferrujados, relíquias de tempos vetustos, demasiado pesados para as minhas forças débeis. Já Lícia me seguia os passos, demasiado curiosa, defeito que se segue logo ao da lubricidade na pesada escala que os deuses lhe destinaram.

Quatrocentos mil sestércios seguido de O conde janno. Lisboa: Caminho, 1991, p. 11-19

Anexo 11 – [Ficha de Trabalho 3] 3.^a Atividade de Latim: Os Doze Trabalhos de Hércules – a comparação com o protagonista do conto “Trezentos Mil Sestércios” de Mário de Carvalho



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DGEstE – Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares

Direção de Serviços Região Centro

Agrupamento de Escolas Figueira Mar

- Legite hunc textum:

I

Textus

- 1 Hercules¹ flumen² post solis occasum³ transiuit⁴ et itinere⁵ fessus⁶ in eis⁷ saltibus⁸ procubuit⁹. Dum Hercules dormiebat, pastor magna ui¹⁰ corporis, Cacus¹¹ nomine, illos¹² mira¹³ specie boues uidit atque eam praedam¹⁴ rapere cupiuit¹⁵. Boues pulcherrimos caudis in specum¹⁶ suum omnibus uiribus traxit¹⁷.
- 5 Postero die, prima luce, boues pauciores¹⁸ erant: eorum pars deerat¹⁹. Cum Hercules id uidit, ad propinquum²⁰ specum per agros iuit²¹. Boues sui, autem, ibi²² non erant atque abire²³ statuit²⁴.
- 8 Sed boum in monte inclusorum²⁵ uoces²⁶ audiuit. Sic rem²⁷ intellexit²⁸, ad specum iratus rediit²⁹ et Cacus clarissima³⁰ claua³¹ interfecit³².

Texto adaptado: Cousteaix, J. et alii., *Salvate! Latin 3*; Scodel Nathan, 1992

Glossarium

¹*Hercules, is (m.):* Hércules

²*flumen, inis (n.):* rio

³*occasus, us (m.):* ocaso

⁴*transeo, is, ire, ii, itum:* passar, atravessar, ultrapassar

⁵*iter, itineris (n.):* viagem, caminho

⁶*fessus, a,um (adj.):* cansado

⁷*is, ea, id (pron./deter. demonstrativo):* aquele, aquela, aquilo

⁸*saltus, us (m.):* desfiladeiro

⁹*procumbo, is, ere, cubi, cubitum:* curvar-se, cair

¹⁰*uis, uis (f.):* força

¹¹*Cacus, i (m.):* Caco

¹²*ille, illa, illud (pron./det. demonstrativo):* aquele, aquela,

aquilo

¹³*mirus, a,um (adj.):* admirável

¹⁴*praeda, ae (f.):* presa

¹⁵*cupio, is, ere, iui, itum:* desejar, cobiçar

¹⁶*specus, us (m.):* gruta, caverna

¹⁷*traho, is, ere, traxi, tractum:* puxar, arrastar

¹⁸*pauci,ae, a (adj. pl.):* um pequeno número

¹⁹*desum, dees, deesse, defui:* faltar

²⁰*propinquus, a, um:* vizinho; próximo

²¹*eo, is, ire, ii ou iui, itum:* ir

²²*ibi (adv.):* aí, nesse lugar

²³*abeo, i, ire, ii ou iui, itum:* ir-se, afastar-se

²⁴*statuo, is, ire, statui, statutum:* decidir

²⁵*inclusus, a, um (particípio passado de includo):* escondido

²⁶*uox, ucis (f.):* voz, som

²⁷*res, rei (f.):* situação

²⁸*intelligo, is, ere, lexi, lectum:* entender

²⁹*redeo, is, ere, ii ou iui, itum:* voltar, regressar

³⁰*clarus, a, um:* brilhante

³¹*claua, ae (f.):* clava, maça

³²*interfecio, is, ere, feci, fectum:* matar, destruir

III

Graus dos Adjetivos

- Tal como em Português, no Latim, os adjetivos apresentam três graus: normal, comparativo e superlativo.

1) Comparativo

- Os comparativos de igualdade e de inferioridade formam-se com o auxílio dos advérbios *tam* e *minus*, respetivamente; o de superioridade, forma-se acrescentando ao radical os sufixos **-ior** (masculino e feminino) e **-ius** (neutro).

- a) **Igualdade:** *tam* + adjetivo no grau normal + *quam* (advérbio que introduz o segundo termo de comparação) + segundo termo de comparação no mesmo caso do primeiro termo.

Iulia est tam alta quam Paula.

(A Júlia é tão alta como a Paula.)

- b) **Inferioridade:** *minus* + adjetivo no grau normal + *quam* (advérbio que introduz o segundo termo de comparação) + segundo termo de comparação no mesmo caso do primeiro termo.

Iulia est minus alta quam Paula.

(A Júlia é menos alta do que a Paula.)

- c) **Superioridade:** formas **-ior** ou **-ius** + *quam* seguido do caso em que está o primeiro termo ou simples ablativo.

- Emprega-se obrigatoriamente *quam*, se os dois termos de comparação forem de tema em -a:

Iulia est altior quam Paula. (quam + nominativo)

(A Júlia é mais alta do que a Paula.)

Paulus est altior Iulia. (**simples ablativo**)

(O Paulo é mais alto do que a Júlia.)

Os comparativos assim formados declinam-se como os nomes de tema em consoante, imparissilábicos.

Comparativo de Superioridade de *altus, a, um*

CASO	Singular		Plural	
	MASCULINO/ FEMININO	NEUTRO	MASCULINO/ FEMININO	NEUTRO
Nominativo				
Vocativo				
Genitivo				
Acusativo				
Dativo				
Ablativo				

2) Superlativo

- O superlativo relativo de inferioridade forma-se com o auxílio do advérbio *minime*; o superlativo relativo de superioridade e o superlativo absoluto formam-se acrescentando ao radical o sufixo *-issimus, a, um* para os adjetivos de primeira classe, primeiro tipo ou *-errimus, a, um* para todos os adjetivos terminados em **-er**, no grau normal.

Os adjetivos de primeira classe, primeiro tipo:

- **Superlativo**

a) **Relativo**

- **Inferioridade:** *minime* + adjetivo no grau normal

Iulia minime alta ex amicis est.

(A Júlia é a menos alta das amigas.)

- **Superioridade:** radical + sufixo ‘-issimus, a, um’

Paula altissima e puellis est.

(A Paula é a mais alta das raparigas.)

- b) **Absoluto:** forma-se por meio do radical + sufixo ‘-issimus, a, um’.

Paula altissima est.

(A Paula é muito alta.) (**Superlativo absoluto analítico**)

(A Paula é altíssima.) (**Superlativo absoluto sintético**)

Os adjetivos terminados em (-er):

- **Superlativo**

a) **Relativo**

- **Inferioridade:** *minime* + adjetivo no grau normal

Orbilius minime pulcher ex amicis est..

(O Orbílio é o menos bonito dos amigos.)

- **Superioridade:** radical + sufixo ‘-errimus, a, um’

Orbilius pulcherrimus e pueris est.

(O Orbílio é o mais belo dos rapazes.)

b) **Absoluto:** radical + sufixo ‘-errimus, a, um’.

Orbilus pulcherrimus est.

(O Orbílio é muito belo.) (**Superlativo absoluto analítico**)

(O Orbílio é belíssimo.) (**Superlativo absoluto sintético**)

➤ O complemento do superlativo (superioridade ou inferioridade) pode ser empregue em

i. **genitivo** (o caso mais frequente)

Exemplo: *Orbilus omnium philosophorum eruditissimus erat.* (Orbílio era o mais erudito de todos os filósofos.)

Orbilus omnium hominum pigerrimus erat. (Orbílio era o mais preguiçoso de todos os homens.)

ii. **ablativo** precedido da preposição ‘e’ ou ‘ex’, conforme a palavra comece por consoante ou vogal.

Exemplos: *Orbilus altissimus e pueris est.* (O Orbílio é o mais alto dos rapazes.)

Orbilus pulcherrimus ex amicis est. (O Orbílio é o mais bonito dentre os amigos.)

iii. **acusativo** precedido da preposição ‘inter’

Exemplos: *Orbilus altissimus inter pueros erat.* (O Orbílio era o mais alto dos rapazes.)

Orbilus pulcherrimus inter amicos erat. (O Orbílio era o mais bonito entre os amigos.)

<p>As formas superlativas declinam-se como adjetivos da primeira classe, primeiro tipo.</p>
--

IV

1. Passa para Latim as seguintes frases.

a) Hércules foi mais hábil¹ do que Caco.

b) «Erigi² um monumento mais perene³ do que o bronze.» (Horatius)

c) O aspeto dos bois era belíssimo.

d) Caco considerava⁴-o o mais preguiçoso dos homens.

e) Hércules tinha uma clava muito brilhante.

Notas:

¹*peritus, a, um*

²*exigo, is, ere, egi, actum*

³*perennis, e (adj.)*

⁴*puto, as, are, aui, atum*

VI

- Depois de leres o conto de Mário de Carvalho “Quatrocentos mil sestércios”, responde:

Qual o motivo da referência por parte do narrador aos “trabalhos (...) de Hércules” tendo em conta a comparação entre a personagem mitológica e o protagonista do conto.

Anexo 12 – Inquérito Final de Português

Inquérito Final

- Tendo em conta as atividades que realizaste ao longo do ano letivo sob a orientação da professora estagiária Mariana Pinto, assinala com um círculo a opção que representa a tua concordância:

1. Em qual das atividades, a explicação prévia das referências ligadas à Mitologia contribui de forma mais significativa para a sua realização?

- a) A personagem de Vénus e Baco – os valores associados a cada uma.
- b) A importância do “Consílio dos Deuses” na glorificação do herói d’*Os Lusíadas*
- c) O Mito de Sísifo e o Poema “Sísifo” de Miguel Torga – as semelhanças

2. Relativamente à tipologia textual (epopeia e poema) selecionada para a execução das atividades, consideraste-a

- a) interessante
- b) difícil
- c) adequada

3. Consideras que as três atividades desenvolvidas se revelaram _____ para a compreensão de cada texto ao qual estavam subordinadas.

- a) muito importantes
- b) importantes
- c) irrelevantes

3.1. Indica o(s) motivo(s) que justifica(m) a tua opção.

4. Caracterizas as estratégias utilizadas para a realização de cada atividade
- a) complexas
 - b) convenientes
 - c) insignificantes
5. Julgas que pelo facto de as atividades fazerem uso da leitura e da escrita, estas beneficiaram a tua competência nestes domínios?
- a) muito
 - b) bastante
 - c) pouco

Obrigada pela tua colaboração!

Anexo 13 – Inquérito Final de Latim

Inquérito Final

- Tendo em conta as atividades que realizaste ao longo do ano letivo sob a orientação da professora estagiária Mariana Pinto, assinala com um círculo a opção que representa a tua concordância:
3. Em qual das atividades, a explicação prévia do mito contribui de forma mais significativa para a sua realização?
- d) O Mito de Ícaro e Dédalo – os valores e a posição do Velho do Restelo (Episódio “O Velho do Restelo” in *Os Lusíadas*)
 - e) O Mito de Eco e Narciso – a reflexão sobre o Homem segundo o poema “O Narciso” de Miguel Torga
 - f) Os Doze Trabalhos de Hércules – a comparação com o protagonista do conto “Trezentos Mil Sestércios” de Mário de Carvalho
4. Relativamente à tipologia textual diferenciada (epopeia, poema e conto) selecionada para a execução das atividades, consideraste-a
- d) interessante
 - e) difícil
 - f) adequada
4. Consideras que as três atividades desenvolvidas se revelaram _____ para a compreensão da receção de cada mito na Literatura Portuguesa.
- d) muito importantes
 - e) importantes
 - f) irrelevantes

5.1. Indica o(s) motivo(s) que justifica(m) a tua opção.

6. Caracterizas as estratégias utilizadas para a realização de cada atividade

- a) complexas
- b) convenientes
- c) insignificantes

7. Julgas que pelo facto de as atividades fazerem uso da leitura e da escrita, estas beneficiaram a tua competência nestes domínios?

- a) muito
- b) bastante
- c) pouco

Obrigada pela tua colaboração!